

EDWARD T. WELCH

LADO a LADO

RELACIONAMENTOS COM SABEDORIA E AMOR



EDWARD T. WELCH

LADO a LADO

RELACIONAMENTOS COM SABEDORIA E AMOR



*Lado a Lado – relacionamentos com sabedoria e amor, de Ed Welch © 2017
Editora Cultura Cristã. Side by Side – Walking with Others in Wisdom and Love
Copyright © 2015 by Ed Welch. Publicado pela Crossway Books, um ministério
de publicações da Good News Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta
edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são
reservados.*

Conselho Editorial

Cláudio Marra (Presidente)

Filipe Fontes

Heber Carlos de Campos Jr

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução: Letícia Scotuzzi

Revisão: Ana Amélia Vicente, Mari Kumagai, Meireana Dutra

Editoração: Ponto e linha

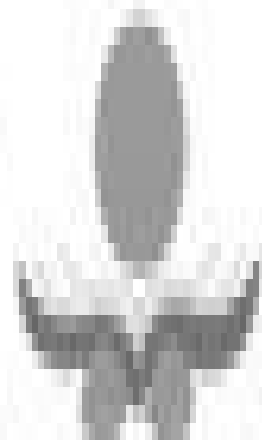
Editoração para ebook: Tiago Dias

Capa: Ideia Dois

W439l Welch, Ed Lado a lado / Ed Welch; traduzido por Letícia Scotuzzi. São P:

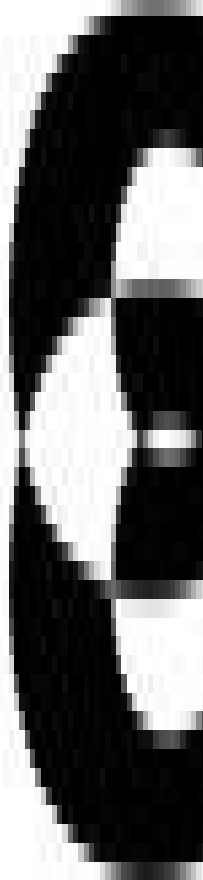
A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

dm



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE ESCRITORES
ABE

Respeite o direito autorais!



EDITORIA CULTURA CRISTĂ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Introdução - Lado a Lado: necessitado e necessário

Parte 1- Nós somos necessitados

1 A vida é difícil

2 Nossos corações estão ocupados

3 Circunstâncias difíceis encontram corações ocupados

4 O pecado pesa muito

5 Peçam “ajuda” ao Senhor

6 Peçam ajuda às outras pessoas

Parte 2 - Nós somos necessários

7 Lembrem-se: nós temos o Espírito

8 Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

9 Tenham conversas atenciosas

10 Enxerguem o bem – apreciem uns aos outros

11 Caminhem juntos, contem histórias

12 Tenham compaixão em meio às dificuldades

13 Orem em meio às dificuldades

14 Estejam alertas aos intentos de Satanás

15 Preparem-se para falar sobre pecado

16 Ajudem seus companheiros pecadores

17 Mantenham a história em vista

Conclusão - Uma comunidade funciona melhor lado a lado

Notas

I

Introdução

Lado a Lado: necessitado e necessário

Algumas pessoas precisam de ajuda; algumas pessoas ajudam. Vemos isso todos os dias. Há os necessitados e os necessários. A verdade, no entanto, é que esses dois grupos são, de fato, um. Uma comunidade saudável depende de todos nós sermos ambos.

Todos nós precisamos de ajuda – isso é simplesmente parte do ser humano.

A ajuda de que precisamos vai além de coisas como encontrar um bom mecânico ou uma pintura em nossas casas. É mais profundo do que isso. Precisamos de ajuda para as nossas almas, especialmente quando estamos passando por dificuldades. A ajuda pode ser tão simples como conectar-se com alguém que entenda ou com alguém que realmente diz: “Eu sinto muito.” Nós não fomos projetados para passar por momentos difíceis sozinhos.

Mas não é fácil pedir ajuda. Gastamos muito tempo escondendo nossa carência, porque temos medo do que as pessoas vão pensar. Pessoalmente, na maioria dos dias eu fico feliz em ajudar e relutante em pedir ajuda. Para mim, ser necessitado é um sinal de fraqueza, e, se puder escolher, prefiro parecer forte, ou pelo menos competente.

Todavia, fraqueza – ou carência – é um recurso valioso na comunidade de Deus. Jesus introduziu uma nova era na qual a fraqueza é a nova força. Qualquer coisa que nos faça lembrar que somos dependentes de Deus e das outras pessoas é uma coisa boa. Caso contrário, nos enganamos pensando que somos autossuficientes e, assim, certamente nos tornamos arrogantes. Nós precisamos de ajuda, e Deus nos deu o seu Espírito e uns aos outros para fornecê-la.

Todos nós somos auxiliares – isso também é parte de sermos humanos. As crianças ficam extremamente satisfeitas quando ajudam os pais a cozinhar ou limpar. Elas se deleitam em contribuir para o lar. Dessa forma, elas ilustram como Deus deu dons para todas as pessoas, “visando a um fim proveitoso” (1Co 12.7), e todos os dons são necessários. Não existe algo como uma pessoa desnecessária.

Na verdade, nós oferecemos ajuda com tanta frequência que podemos até nem estar cientes disso. Ouvimos nosso vizinho ou cônjuge falando sobre obstáculos no trabalho, nos solidarizamos com um amigo que está cheio de medos, damos conselhos para o membro do nosso pequeno grupo que está passando por um relacionamento instável, perguntamos como podemos orar.

Nós fomos feitos para viver dessa maneira. Fomos feitos para andar lado a lado, um corpo interdependente de pessoas fracas. Deus tem prazer em cultivar-nos e mudar-nos através da ajuda de pessoas que têm sido recriadas em Cristo e capacitadas pelo Espírito. É assim que funciona a vida na igreja.

E mesmo assim o medo vem. Temos medo de entrarmos nas complexidades da vida de alguém. Quem somos nós para ajudar outra pessoa? Temos problemas em abundância. Nosso passado faz do presente uma bagunça. O pecado sempre ameaça nos dominar. E quem não tem um distúrbio psicológico? Sentimo-nos quebrados e tememos que apenas vamos piorar as coisas para os outros. Sentimo-nos desqualificados.

Hoje em dia, consultamos especialistas e profissionais, mas quando você olha para o seu próprio histórico de ter sido ajudado, é provável que veja pouquíssimos destes entre aqueles que o ajudaram. Quem eram seus ajudantes? Eram conselheiros profissionais ou especialistas? Provavelmente não. Na maioria das vezes, eles eram amigos – as pessoas normais do seu dia a dia. Amigos vêm pré-embalados com compaixão e amor. Tudo o que precisam é sabedoria, e isso está disponível para todos.

Os amigos são os melhores ajudadores. Deus tem prazer em usar pessoas comuns, conversas comuns e amor extraordinário e sábio para fazer a maior parte do trabalho pesado em seu reino.

É o sistema perfeito. Se Deus usasse apenas especialistas e pessoas de renome, alguns poderiam se orgulhar de sua própria sabedoria, mas Deus age de maneira

diferente da nossa. Nós, pessoas comuns, obtivemos poder e sabedoria através do Espírito Santo e fomos chamados para amar aos outros (Jo 13.34). A partir desse início, somos compelidos a nos aproximarmos dos outros, em vez de permanecermos distantes.

Então, se você se sente um tanto fraco e comum – se você se sente como uma bagunça, mas tem o Espírito –, você tem as credenciais certas. Você é uma das pessoas comuns que Deus usa para ajudar aos outros.

No decorrer deste livro existem técnicas de ajuda que virão reforçar essas credenciais. O livro é para:

- Todos que frequentam a igreja e estão dispostos a ser mais que espectadores.
- Amigos que querem crescer em amor sábio uns para com outros.
- Pais que querem ser mais eficazes para seus filhos.

Estou escrevendo para pessoas como eu, aquelas que estão dispostas a se mover em direção a outras pessoas em dificuldades, mas que não estão confiantes de que podem dizer ou fazer qualquer coisa útil. Eu quero desmistificar alguns equívocos sobre o que pensamos ser cuidado eficaz e substituí-los por verdades simples e bíblicas.

Um livro, duas partes

Este livro é dividido em duas partes principais: ser necessitado e ser necessário. A primeira parte o orienta a compartilhar seu fardo; a segunda parte o orienta a suportar o fardo dos outros.

Este é o ritmo da vida diária: precisamos de ajuda e ajudamos. Passamos por momentos em que a nossa necessidade de ajuda supera a ajuda que damos. Mas

todos os dias, esperamos ver ambos. Não podemos sustentar grande desequilíbrio por muito tempo. Se mantivermos nossa necessidade escondida em nós mesmos, vamos murchar, nos esgotar, e ficaremos deslocados em meio aos outros. Se evitarmos as necessidades dos outros, falharemos no propósito de Deus para nós, certamente resultando em insatisfação e falta de sentido. Em vez disso, foquemos em ambos – buscar ajuda e dar ajuda – e estaremos em sincronia com a forma como Deus nos criou.

Ao entrarmos neste ritmo, Jesus estará nele e sobre ele. Ele esteve fraco antes de nós. Ele era dependente de seu Pai e até mesmo dependente de meros seres humanos. Ele também veio para servir, mais que para ser servido, e fez essas coisas paralelamente. Na medida em que somos capazes, fazemos isso uns com os outros.

Parte 1

Nós somos necessitados

Sua necessidade o qualifica para ajudar os outros. Sua necessidade, bem oferecida a outra pessoa, pode até ser um dos grandes dons que você dá para sua igreja. Você vai inspirar outros a pedir ajuda.

Pense em um momento em que estava em um grupo e alguém falou abertamente sobre uma luta do dia a dia. O que aconteceu em seguida? Na maioria dos casos, o grupo repentinamente tornou-se mais parecido com uma família. Outras pessoas revelaram mais sobre suas vidas, e as orações do grupo pareciam mais e mais como os Salmos. Quando algo assim acontece, o mito de que todos nós já desvendamos a vida é exposto, e começamos a partilhar o fardo uns dos outros, cumprindo assim o propósito divino.

Nós gastamos muito tempo disfarçando a nossa necessidade. Precisamos parar de nos esconder. Ser necessitado é o nosso estado básico. Não há vergonha nisso – é simplesmente assim que as coisas são. Compreender, aceitar e praticar este fato vai fazer de você um ajudante melhor.

Esta parte do livro começa com um simples esboço de quem somos. Partindo daí, vai lhe ajudar a entender, admitir e praticar a sua própria necessidade.

Nós somos necessitados

A vida é difícil

Nossos corações estão ocupados Circunstâncias difíceis encontram corações oci

A vida é difícil

É muito difícil administrar a vida sozinho. É por isso que estamos necessitados. A vida também é boa, mas é difícil. Não existe um dia no qual nós temos imunidade a situações difíceis. Admitir isso não é reclamar. É apenas a verdade. Jesus disse: “No mundo, passais por aflições” (Jo 16.33). E, se pararmos para pensar sobre essas tribulações, percebemos que elas são intermináveis:

- Nossa saúde
- Incertezas financeiras e profissionais
- Violência local
- Promessas quebradas
- Tarefas demais
- A saúde da nossa família
- Discriminação e injustiça
- Terrorismo internacional
- Discórdias entre amigos
- Falhas mecânicas

Por que nos preocupamos em identificar tais dificuldades? As identificamos porque os seres humanos se saem melhor quando tornam as suas dificuldades públicas para Deus e para pelo menos uma outra pessoa. Quando examinamos os Salmos descobrimos ser este o desejo de Deus para nós: “Por ti, Senhor, clamei, ao Senhor implorei” (Sl 30.8).

Nós somos necessitados

Através de salmos como esse, o Senhor essencialmente nos diz: “Vinde a mim com suas dificuldades. Isso é o que as crianças fazem com o seu pai”. As coisas difíceis da vida são importantes para Deus e, sendo assim, são importantes para nós, e trabalharemos para colocá-las em pauta.

Vida organizada

Por onde começaremos? Já que abrange tanto, pode ser útil organizar as circunstâncias de nossas vidas. A Figura 1, abaixo, é uma maneira de se fazer isso. Ela organiza essas condições, tanto boas quanto difíceis, em uma série de círculos concêntricos. Pense nisso como um raio X de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. O coração e o primeiro círculo (nosso corpo) nos representam; os círculos concêntricos adicionais são circunstâncias que nos cercam. Eles são o mundo em que vivemos.



Figura 1. Um raio X bíblico de uma pessoa e o mundo à sua volta

Primeiro, considere algumas dessas circunstâncias que moldam nossas vidas. (Vamos falar sobre o coração no próximo capítulo.)

Nosso corpo

Nosso corpo é parte integrante de nós mesmos, mas também é um tipo de circunstância que nos afeta. Ele nos abençoa com saúde e traz dificuldades como dores, desconfortos diários, insônia, dores de cabeça e toda uma gama de diagnósticos médicos. O corpo, incluindo o cérebro, contribui para diagnósticos psiquiátricos. Se você está enfrentando obsessão, certas características de depressão, ou déficit de atenção – a lista pode ser longa –, problemas físicos ainda indefinidos podem estar se aproximando.

Nossos relacionamentos

Os relacionamentos são onde encontramos o melhor e o pior da vida. Aqui está o prazer de relacionamentos crescentes e pacíficos, e é aqui que as esperanças são frustradas e o amor é perdido. É aqui que experimentamos solidão, vitimização e rejeição. Gostando ou não, nós precisamos de pessoas, mas elas podem tornar a vida difícil.

Nosso trabalho

Trabalho inclui o emprego que temos ou gostaríamos de ter, a futilidade de algum trabalho e o dinheiro que ganhamos. Particularmente, o dinheiro pode ter uma influência significativa sobre as nossas vidas. Tanto a pobreza quanto a riqueza nos deixam vulneráveis. Pobreza sugere que Deus não está conosco, então confiamos em nós mesmos, e riqueza sugere que temos o que precisamos, então confiamos no nosso dinheiro. Trabalho e dinheiro moldam nossas vidas mais do que imaginamos.

Seres espirituais e o mundo

Seres espirituais estão nos bastidores, mas eles dispõem de bastante poder.

Os anjos nos protegem, enquanto seres espirituais aliados a Satanás se opõem a nós. Estes seres espirituais têm poder para nos afligir fisicamente, como vemos na história de Jó. Mas suas principais armas são mentiras, meias-verdades e tentações, táticas que são muito mais poderosas do que qualquer sofrimento físico.

O mundo está incluído nessas influências. A Bíblia emprega a palavra “mundo” de duas maneiras diferentes. Às vezes, significa a criação habitada, ou seja, o planeta Terra. Outras vezes – e é nesse sentido que eu estou usando aqui – refere-se a Satanás e àqueles que acompanham seus caminhos de rebeldia contra Deus. Juntos, eles criam um coro de vozes que sussurram poderosamente contra o caráter de Deus e anunciam que o pecado é totalmente aceitável. Você pode ouvir o mundo, especialmente no refrão cultural atual sobre liberdades sexuais. Isto significa que somos, de fato, as pessoas vulneráveis que necessitam do poder e da proteção divinos (p.ex., Ef 6.10-12).

O Deus Trino e o seu reino

O círculo que envolve tudo é o próprio Deus. Vivemos, de todas as formas e em todos os momentos, perante Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – e em seu

mundo (At 17.28). Deus está acima de todas as coisas e cerca todas as nossas circunstâncias. Ele é soberano e está sempre ativo, nunca dorme. Deus está nos detalhes do dia a dia; ele está presente em meio às linhas gerais da história, ao guiar todas as coisas a um clímax final, e nós precisamos dele para termos vida e em abundância (cf. Jo 10.10). De maneira nenhuma ele é um espectador, de canto, observando em silêncio os nossos problemas – embora possamos facilmente pensar isso. Ao invés disso, ele criou todas as coisas, então ele é dono de todas elas.

Poderíamos acrescentar mais círculos. A herança étnica e religiosa é a principal circunstância de vida para muitas pessoas. Também poderíamos acrescentar nosso ambiente geográfico e político, mas os listados acima já são um bom começo. A vida inclui tantas influências e dificuldades, e Deus tem um objetivo em todas elas.

Pense no que você anotaria nesses círculos. O que vem à mente? O que é bom e, principalmente, o que é difícil?

Nossa tarefa agora é reconhecer alguns detalhes sobre a fragilidade e a incerteza de nossas vidas e as situações difíceis que enfrentamos e, em seguida, falar sobre isso com Deus. Basta falar. Este é o desejo dele – que falemos honestamente, do fundo dos nossos corações. Não temos que adicionar pedidos. Basta falar.

Discussão e resposta

- 1)Várias coisas difíceis o rodeiam. Quais são as três principais? Você também p
- 2)Tire um tempo para falar sobre suas coisas difíceis para o Senhor que ouve.

Nós somos necessitados

A vida é difícil

Nossos corações estão ocupados

Circunstâncias difíceis encontram corações ocupados O pecado pesa muito Peça

Nossos corações estão ocupados

As circunstâncias da vida são fáceis de entender, mas é no centro destes – nossos corações – que as coisas ficam complicadas. Nossos corações estão sempre agitados com energia. Eles guiam os nossos pensamentos e nossas ações enquanto interagimos com todas as circunstâncias: o nosso corpo, nossos relacionamentos, nosso trabalho, os seres espirituais e o mundo, e Deus. Aqui no coração, encontramos a verdadeira essência de quem somos. Nossos corações são revelados mais facilmente através de nossas emoções, mas também são expressos através do bem – e do mal – que fazemos. E a nossa conexão com Deus reside aqui. Sim, nossos corações estão ocupados.

Já que a própria Escritura é tão interessada em nossos corações, ela usa um vocabulário rico e variado para identificar este centro de controle da vida. Espírito, alma, coração, mente, interior e consciência são os termos mais familiares. Cada uma dessas palavras tem uma ênfase particular, mas todas possuem algo em comum. Elas identificam o nosso centro espiritual, ou seja, a forma pela qual estamos conectados com Deus, em todos os momentos, quer saibamos ou não.

É difícil imaginar algo que você não pode ver, e você não pode ver o coração real, mas a Escritura fornece imagens e analogias, como um manancial, um poço, uma árvore e um baú de tesouros.¹

Um manancial é a verdadeira fonte dos rios que depois se tornam mais visíveis (Pv 4.23), e um poço tem águas profundas que devem ser extraídas (Pv 20.5). Ele pode produzir água fétida ou água viva (Jo 7.38).

Uma árvore tem raízes que procuram uma fonte de vida (Jr 17.5-8). Ou essas raízes encontrarão seu descanso em outras pessoas, o que a Escritura compara a um arbusto murchando no deserto, ou elas não se contentarão com absolutamente nada além do Senhor, caso em que serão sustentadas através dos tempos mais difíceis.

Um baú de tesouros é onde colocamos os nossos objetos de valor (Mt 6.19-21). Isto é o que realmente amamos. Alguns tesouros estão sujeitos à ferrugem e à corrupção – nós podemos ter certeza de que nossos medos acompanhariam tal tesouro. Outro tesouro está guardado em Jesus e está seguro.

Essas imagens refletem como os nossos corações trabalham nos bastidores, determinando silenciosamente o curso de nossas vidas, e têm muito mais a ver com Deus do que podemos perceber. Elas também podem ser trazidas à luz e examinadas. Uma maneira de fazer isso é seguindo nossas emoções.

Emoções vêm do coração

Nossas emoções são a nossa primeira reação ao mundo que nos rodeia. Elas aparecem sem que tenhamos um determinado pensamento. Todavia, são muito mais do que meras respostas, pois falam mais sobre nós do que sobre nossas circunstâncias. Ao que parece, as emoções revelam o que é mais precioso para nós (p. ex., Sl 25.17; 45.1). É por este motivo que as nossas emoções nos identificam. Elas são nós. Reconhecemos nossos amigos por suas paixões e respostas emocionais. Quando as emoções dos nossos amigos estão confusas por conta de dano cerebral ou intensificadas por efeitos colaterais de medicação, dizemos que eles não são eles próprios. As emoções salientam as coisas que são mais importantes para nós.

Quando estamos felizes, possuímos algo que amamos; quando ansiosos, algo que amamos está em risco; quando nos sentimos desanimados, algo que amamos foi perdido; quando irritados, algo que amamos está sendo retido ou roubado de nós.

Ou olhe para a culpa e a vergonha. Podemos dizer que elas não revelam o que amamos, mas certamente revelam o que nos é querido. Quando temos vergonha, sentimos como se alguém tivesse retirado a nossa vestimenta humana e nos deixado nus. Ela nos dissocia de relacionamentos, mas os relacionamentos são importantes para nós. Quando culpados, sentimos que o nosso relacionamento com Deus pode estar em risco, e essa relação chega a questões de vida e morte.

O que é mais importante para nós? O que nós amamos? O que é mais precioso para nós?² Não deveríamos nos surpreender com o fato de essas questões tocarem o âmago de nosso ser. Elas também apontam para onde estamos indo. Por fim, tudo nos leva à nossa relação com Deus. Amamos o que ele ama? Ele é precioso para nós?

Então rastreie esses sentimentos fortes, primeiro em si mesmo e depois, em outros. Quando você percebe que fica animado? Quais são as suas alegrias? Suas tristezas? Veja os olhos dos seus amigos brilharem quando eles falam sobre um filho, um cônjuge, um grupo musical, Jesus, trabalho ou um esporte. Perceberemos seu tom de voz mudar e sua velocidade diminuir ao tocar em um assunto difícil, como se de repente eles estivessem carregando um peso. Podemos notar uma descarga de raiva: “Eu nunca serei como meu pai.” Se somos confiáveis, podemos ouvir falar de medos, mágoas escondidas e vergonha – assuntos que preferimos manter privados.

É possível resumir nossas emoções desta maneira: elas têm início em nossos corações, são moldadas pelos nossos corpos, refletem a qualidade de nossos relacionamentos, carregam as marcas da bondade e da inutilidade do trabalho, proporcionam um vislumbre de como nós estamos nos saindo nas batalhas espirituais e identificam o que realmente acreditamos sobre Deus.

Uma qualificação: poderíamos dizer que as emoções geralmente refletem o que está acontecendo em nossos corações. Ocasionalmente, uma vez que as emoções são moldadas por nossos corpos, elas podem ser ataques imprevisíveis provenientes de corpos desordenados e cérebros descontrolados.

A depressão, por exemplo, pode dizer que algo querido agora está perdido, que a vida perdeu o significado e o propósito, ou que algo desejado nunca será possuído. Mas a depressão também pode dizer: “Algo não está certo no meu corpo ou meu cérebro.”

Em outras palavras, emoções fortes são oportunidades para perguntar: “O que é que o meu coração está realmente dizendo? Para o que é que eu vivo, mas não possuo?” Mas talvez não obtenhamos respostas claras para essas perguntas. Às vezes, a depressão é simplesmente sofrimento físico. Ela diz: “Eu me sinto entorpecido por dentro.” De qualquer maneira – e isso é importante –, emoções difíceis revelam o momento para obter ajuda e para orar com fé por paciência e resistência. Uma pessoa deprimida está sofrendo, e o sofrimento nos deixa espiritualmente vulneráveis. Isto levanta indagações sobre a bondade e o cuidado de Deus, e sussurra que provavelmente fizemos algo mau para merecer tal sofrimento. Sofrimento emocional precisa de encorajamento espiritual.

O bem vem do coração

Agora vamos um pouco mais fundo. Nossas emoções podem estar bem aparentes e serem óbvias para nós. Mas, mais profundamente, está tudo que chamaríamos de “bom”.

Este bom, assim como as nossas emoções, ainda expressa o que nós amamos e desejamos. Mas aponta ainda mais obviamente para Deus. Por exemplo, os pais amam seus filhos. Esse amor, quer os pais saibam disso quer não, reflete o amor de Deus para com os seus filhos, e isso é bom. Existe bem em cada ser humano. Até mesmo o mais gritante narcisista tem um lado mais suave e bom, se olharmos de perto o suficiente. Tendo em vista que Deus nos criou e que as criaturas sempre carregam alguma qualidade de seu criador, nós somos capazes de ver coisas boas uns nos outros. Isso acontece de diversas formas:

- Vizinhos ajudam uns aos outros.
- Desconhecidos devolvem carteiras perdidas.
- Empregados trabalham duro, mesmo quando o chefe está de férias.
- Cônjuges reconhecem quando eles estão errados.

- Mecânicos de carro são honestos.

Quando a bondade é a nossa resposta a Jesus – quando fazemos o bem por causa dele –, ela também pode ser chamada de “obediência”, “fé”, ou “expressão de nosso amor a Deus”. Essa bondade é especialmente bonita quando as dificuldades parecem chover sobre nós e, em resposta, voltamo-nos para o Senhor, ao invés de nos afastarmos dele. O bem brilha mais forte na fraqueza. Esta é a essência da fé, e isso atrai a nossa admiração. Tudo o que fazemos por causa de Jesus – amar, trabalhar, suportar, esperar – é muito bom.

Nosso olhar para a bondade refletida de Deus é importante para a forma como ajudamos, e nós vamos voltar nisso várias vezes. Ajudar inclui ver o que é bom em outra pessoa.

O mal vem do coração

Claro, também nem tudo é bom. Nossos corações podem ser bons, mas também podem ser muito ruins. Eles são ambos ao mesmo tempo.

Embora nos seja preferível manter esta realidade em segredo, há pouca discordância sobre a maldade que reside em cada coração. Nós todos sabemos o que fazemos de errado. Nós nos amamos mais do que amamos os outros. O egoísmo e o orgulho são parte da vida cotidiana:

- Pais rebaixam e humilham seus filhos.
- Vizinhos fazem fofocas.
- Empregados fraudam empregadores.
- Homens amam a pornografia mais do que amam suas esposas.

- Empresas cobram por trabalho desnecessário.

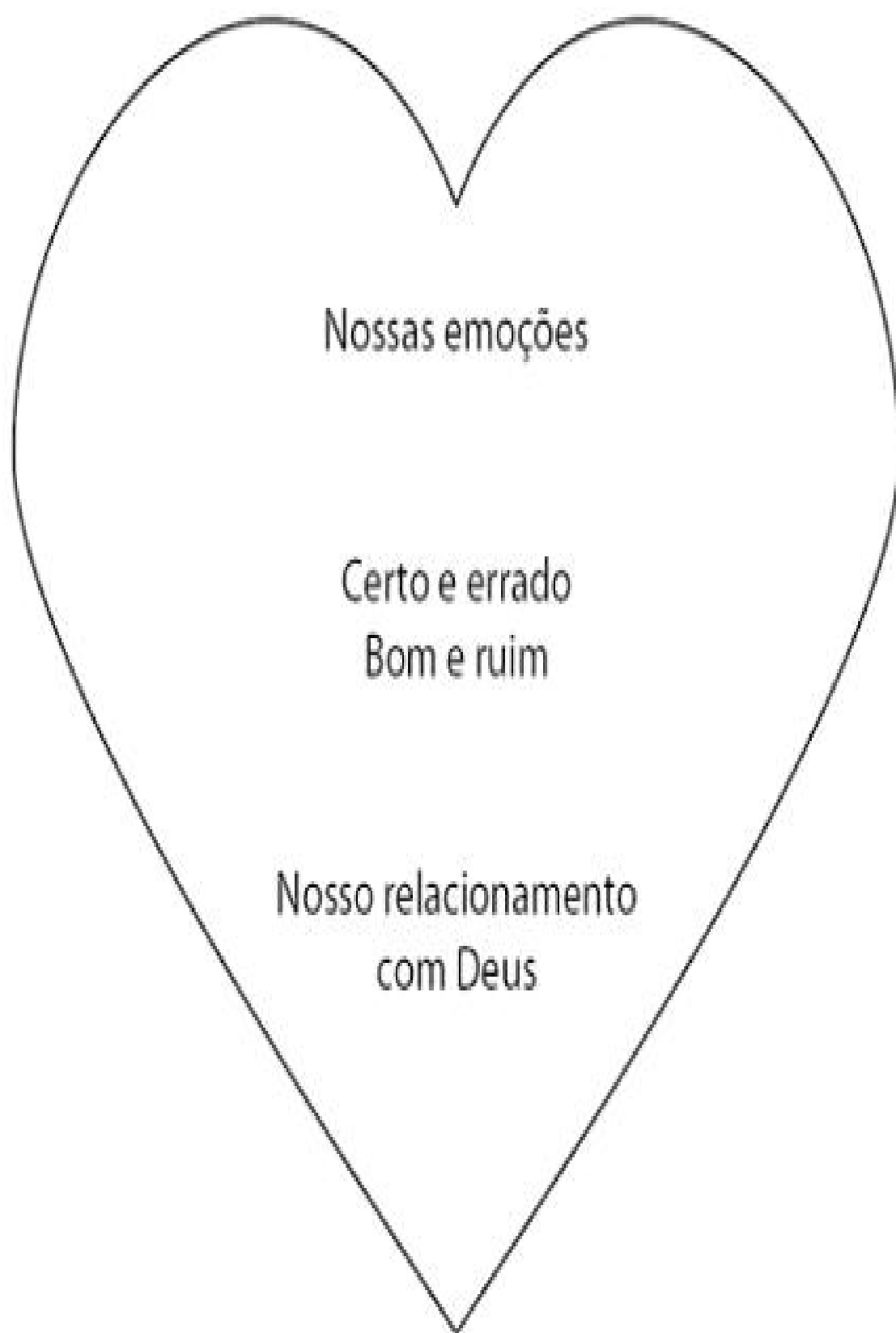
Contudo, enquanto reconhecemos o mal dentro de nós, não estamos tão dispostos a reconhecer que é pecado. Pecado significa que a nossa maldade é direcionada principalmente contra Deus, e a maior parte das pessoas não está conscientemente o desafiando. Em vez disso, nós simplesmente não pensamos nele. Então, como o mau comportamento pode ser pecado?

Aqui é onde as coisas ficam obscuras e precisamos da luz que as Escrituras trazem. Apesar de vivermos diante de Deus, não estamos sempre conscientes de Deus. Quando um adolescente quebra as regras de seu pai, nem sempre isso é encarado como um ato de rebelião contra o pai. Normalmente é mais simples que isso – o adolescente só deseja fazer aquilo que ele quer. A desobediência não é “nada pessoal”, mas é pessoal. Também funciona assim conosco. Quando pecamos, é contra Deus, mesmo que não pareça assim.

Depois, há um comportamento ruim mais consciente. Um homem teve que escolher entre a cocaína e sua esposa: “Estava claro para mim que não havia escolha. Eu amo minha esposa, mas eu não escolheria nada em lugar da cocaína.”³

Aqui está o coração em ação. Este homem ama mais os seus desejos do que sua esposa. Isso está claro. Você sabe disso, ele sabe disso e é ruim. Agora, se observamos um pouco mais a fundo, descobriremos que ele ama seus desejos acima do Senhor – ele está comprometido a levar sua vida do seu próprio jeito, em vez de se submeter ao Senhor. Ele não tem consciência disso, mas talvez reconheça se lhe disserem.

Somos, de fato, pessoas necessitadas.



Nossas emoções

Certo e errado
Bom e ruim

Nosso relacionamento
com Deus

As alianças espirituais vêm do coração

No centro de nossos corações está a nossa conexão com Deus. Aqui estão as raízes da árvore, a fonte no interior do poço. Quer saibamos, quer não, somos inteiramente religiosos.

Poderíamos chamar de “adoração” – isto é o que está acontecendo em nossos corações. Quem nós amamos sobre todas as demais coisas é quem nós adoramos, e quem adoramos nos controla.

Independentemente de percebermos, nosso coração sabe muito sobre o verdadeiro Deus, e temos nossa posição a favor ou contra ele. Este conhecimento não é sempre óbvio para nós, mas está lá. É como se guardássemos uma vaga consciência das canções de amor que Deus cantou para nós antes de seguirmos nosso próprio caminho, e, quando as ouvimos de novo, elas evocam algo familiar e certo. Ele é nosso Pai; nós somos seus filhos. Nós vivemos coram Deo, perante a face de Deus. Não existe tal coisa como a independência. Mesmo se fugirmos, ele é nosso Pai. Ainda que busquemos a emancipação legal, não podemos escapar. Aqui estão apenas algumas maneiras pelas quais sabemos disto:

- Nosso coração reconhece a sua voz. Conhecemos o amor porque ele é amor. Queremos justiça, porque ele é o justo juiz. Somos atraídos à compaixão e à misericórdia porque ele é o Deus compassivo e misericordioso (Êx 34.6).
- Nosso coração tem a “norma da lei” gravada sobre ele (Rm 2.15) e essa lei reflete o caráter de Deus. Nós temos uma consciência que condena o errado e aprova o correto.
- Nosso coração nunca pode repousar de verdade até que descansemos nele.
- Nosso coração está em sua melhor forma quando amamos e adoramos o trino Deus sobre todas as coisas, e quando seguimos seus mandamentos.

O que confunde a questão é que os pecados dos outros, as mentiras do maligno e nossos próprios pecados, podem distorcer esse conhecimento.

Pessoas temerosas conhecem a Deus, mas veem primeiramente as máscaras daqueles que as machucaram.

Aqueles que se sentem culpados podem supor que Deus é como um simples ser humano que perdoa a contragosto e com condicionalismos.

Os que odeiam alguém têm deixado de lado a verdade de que Deus estende o seu amor até mesmo aos inimigos.

Aqueles que sempre querem mais da vida conhecem a Deus, mas acreditam na mentira de que há satisfação fora de Deus.

Misturadas com o conhecimento do verdadeiro Deus estão as mentiras que trazemos e as mentiras que nos são contadas. O resultado é que ninguém possui um conhecimento completamente imparcial e preciso do Senhor. Ninguém. Os mitos que moram em nós são revelados através dos nossos medos, passado, emoções conturbadas e pecados.

Diante desse quadro da humanidade, um conhecimento exato de Deus é a coisa mais importante – a coisa mais saudável e que mais gera alegrias – que podemos ter. E é exatamente o que nosso Pai tem prazer em nos dar.

Note como o apóstolo Paulo ora por nós:

(...) não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele (...) (Ef 1.16-17; cp. 3.14-19)

Paulo compreende que a maior necessidade do nosso coração é Deus – é conhecê-lo com precisão e segui-lo. Isso significa que, se quisermos tanto ser

ajudados quanto verdadeiramente ajudar os outros, estaremos sempre visando essa compreensão. E já que o próprio Jesus é a nossa imagem mais completa de Deus, vamos sempre mirar nele. De alguma forma, à medida que crescemos em nosso conhecimento e adoração de Jesus, ele incentiva o bom, regenera o mau e traz paz a um coração atribulado. Ele é a fonte de toda sabedoria, todo amor e toda esperança. Independentemente de mencionarmos ou não o nome de Jesus a um amigo necessitado, nós sempre apontamos para Jesus.

Então, de posse de um conhecimento cada vez maior de Jesus, respondemos crendo e seguindo-o.

O coração está ocupado. É o nosso centro espiritual. A prova de sua atividade pode ser vista todos os dias na combinação humana de bom, mau, medos, frustrações, alegrias e tristezas. Ligue esses sentimentos com a própria essência do coração e chegamos cara a cara com o verdadeiro Deus e com a condição na qual está o nosso relacionamento com ele. Estamos tentando encontrar uma existência sozinhos no deserto ou estamos ativamente alastrando raízes pela água?

Discussão e resposta

1) Você pode descrever o coração em poucas frases?

2) Dê alguns exemplos de como seus sentimentos estão ligados ao que está acontecendo?

Nós somos necessitados

A vida é difícil Nossos corações estão ocupados

Circunstâncias difíceis encontram corações ocupados

O pecado pesa muito Peçam “ajuda” ao Senhor Peçam “ajuda” às outras pessoas

Circunstâncias difíceis encontram corações ocupados

Situações preocupantes sempre existirão. A vida é difícil. Quando as circunstâncias difíceis e os nossos corações se encontram, uma conversa irrompe entre os dois – para lá e para cá, para lá e para cá – e a conversa pode ser sábia e cheia de esperança ou pode ser tolices que desfilam como sabedoria.

A conversa começa

Geralmente, são os nossos problemas que começam a conversa interna: “Isso é doloroso. Por que isso está acontecendo?”

Em seguida, tudo fica confuso. Seres espirituais sussurram, “Será que Deus realmente se importa? As palavras dele merecem confiança?”. Nossos corações podem se sujeitar a essas perguntas e podemos adotá-las como se tivessem vindo de nós mesmos: “Talvez ele realmente não se importe. Um bom pai não protegeria seus filhos destas coisas?”

Enquanto isso, o próprio Deus fala.

Poderíamos resumir suas muitas palavras assim: “Olhe para Jesus, foi crucificado e ressuscitou dentre os mortos. O crucificado que sofreu – ele é a prova do amor infalível em aflição. O sofrimento levanta muitas questões, e,

para a maioria delas, você terá que confiar em mim – que o meu amor é mais complexo do que você pensa.”

Nossa tarefa é ouvir a voz de Deus, crer nas suas palavras e seguir a Jesus, mesmo quando a vida está difícil.

Para lá e para cá, para lá e para cá. O problema chega; nós reagimos. O Diabo questiona nossas reações; nós respondemos. A Palavra de Deus em Jesus Cristo conta a história verdadeira sobre o nosso sofrimento e transmite esperança; nós respondemos. E a conversa continua.

Quem vence? Quem terá a palavra final?

Enquanto isso, a conversa acaba mudando a experiência do sofrimento. Por exemplo, se nós respondemos com “Tudo é sem sentido” e “Deus não se importa”, a nossa dor será pior. Se respondermos com “Eu não entendo tudo isso, mas eu sei que o meu Pai me ama e eu confio nele” viveremos com propósito, esperança e perseverança. Se nos lembrarmos das promessas de Deus em nossas provações e nos voltarmos para ele, a tribulação pode parecer leve e momentânea (2Co 4.17) quando comparada às riquezas que temos nele.

É nesse para lá e para cá que precisamos de ajuda. Mesmo aqueles que parecem fortes na fé podem oscilar por conta dos sofrimentos que ameaçam as coisas que mais amam.

Algumas conversas são melhores que outras

Existem algumas conversas nas quais o coração não quer ajuda. Já sofremos o suficiente e estamos inflexíveis, e nenhuma palavra de Deus ou de outras pessoas nos influenciará. Segue um exemplo desse tipo de conversa:

“Deus, o Senhor não tem coração.” Ele era uma pessoa temente a Deus, muito quieto. Alguns diziam que ele era tímido. Os vizinhos raramente escutavam a sua voz, mas diriam que era um bom vizinho.

Quando foi retirado de sua casa e transferido para um gueto húngaro, ele continuava a mesma pessoa de idade, como se nada houvesse mudado. Mas, quando ele foi colocado em um caminhão demasiadamente pequeno para as dezenas de pessoas a bordo, quando a viagem já durava dois, e então, três dias sem água, quando os guardas abriam as portas a cada intervalo curto de horas e, aleatoriamente, batiam as coronhas das espingardas em cabeças já fracas e doentes, e quando as pessoas estavam morrendo ao lado dele, seu coração finalmente respondeu.

Suas circunstâncias dominaram o vale-tudo interno.

“Deus Todo Poderoso, por que fez isso conosco? O Senhor não tem coração, não tem sentimentos? Não possui olhos para ver? Não tem ouvidos para nos ouvir? Estás perverso, Senhor, tão mau quanto um homem.”⁴

Esse foi o fim de sua conversa. Ele acusou Deus e sentiu que não havia mais nada a dizer. Em vez de usar as palavras dos salmos de Davi, ele respondeu com seu próprio antissalmo, e estava decidido a mantê-lo.

Agora veremos uma conversa melhor:

“Nada mudou.” Aos 54 anos de idade, um pai de quatro filhos tinha uma longa história de caminhada com Jesus. Um de seus hábitos rotineiros era ler um salmo todos os dias, e o salmo 22 era um de seus favoritos. Como fazia isso há décadas, ele certamente estava acostumado a falar honestamente com o Senhor em todas as situações, e ele também podia condensar suas reações em poucas palavras.

Durante um exame de rotina, seu médico notou uma lesão altamente irregular em seu ombro. Foi feita uma biópsia e enviada para um laboratório de patologias para testes. Os resultados estariam de volta em cerca de dez dias. O médico estava claramente preocupado e sugeriu que seu paciente retornasse ao consultório para discutir os resultados e considerar quais tratamentos poderiam ser úteis.

Dez dias mais tarde, ele fez a visita, acompanhado por sua esposa. O médico foi direto ao ponto.

“Tenho más notícias. A lesão é cancerígena.”

“O que isso significa? Qual é o tratamento e o prognóstico?”

“É um melanoma maligno – um dos cânceres mais agressivos. A esta altura, os únicos tratamentos a nosso dispor são experimentais, e eles não têm sido muito promissores.”

“E o prognóstico?”

“Sinto muito. Geralmente, a expectativa de vida fica entre nove e doze meses.”

Ele agradeceu ao médico por ser prestativo, claro e direto, e marcaram uma consulta de acompanhamento para falar sobre tratamentos experimentais. Ele e sua esposa deixaram o consultório e choraram juntos.

Suas primeiras palavras foram “nada mudou”.

Diante da pior realidade possível, tanto para si quanto para sua família, ele disse “nada mudou”. Seu coração e seu lúcido entendimento sobre Jesus subjugaram a conversa interna e essencialmente disseram o seguinte: “Se você acha que a notícia da minha morte vai mudar a minha confiança no amor de Deus por mim, não vai. Seu Filho deu a vida por mim. Por que eu acharia que ele me amaria menos agora? Ele me amou ontem, quando tudo parecia estar indo bem. Nada mudou – ele me ama hoje também.”

Essa era a última palavra. Havia tanto a se fazer e muitas lágrimas viriam a seguir. Sim, ele pediu oração aos familiares e amigos – por fé, por esperança, por amor –, mas ele nunca alterou essa conversa inicial, mesmo tendo morrido, cercado por sua família, um ano depois.

O melhor é isto, “Por que me abandonaste?”. Jesus nos precedeu e nos mostra como responder às dificuldades – como ter a conversa de coração com Deus. Jesus respondeu ao seu sofrimento desta maneira:

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido?

Deus meu, clamo de dia, e não me respondes;

também de noite, porém não tenho sossego. (Sl 22.1-2)

Clamores francos e honestos, direcionados ao Pai – essa foi a sua maneira de responder às dificuldades. Ele começa com perguntas. Por que isso está acontecendo? Como pode ser assim? Por que o Senhor está tão longe? Por que não responde?

As palavras de Jesus parecem chocantes em seu desespero, mas ele autoriza o uso destas mesmas palavras em nossos próprios problemas. Porém, o que é especialmente importante é que ele não está reclamando ou desafiando a Deus com suas palavras. Não, ele está clamando e direcionando suas palavras para o Deus que faz promessas e as cumpre, aquele que realmente nos escuta. Fazer isso é muito mais difícil do que parece, considerando a nossa tendência a nos introvertermos em nossa dor.

Uma vez que não faz sentido seu Pai ser silencioso e distante, ele continua:

Contudo, tu és santo,
entronizado entre os louvores de Israel.

Nossos pais confiaram em ti; confiaram, e os livraste.

A ti clamaram e se livraram;
confiaram em ti e não foram confundidos (v. 3-5).

Seu clamor ao Pai atinge muitos aspectos. Ele louva o Pai e fala de tempos de desespero no passado de Israel, quando Deus os resgatou e libertou. Jesus batalha espiritualmente, sempre trazendo à conversa palavras e ações confiáveis e comprovadas de seu Pai. Não há caos aqui – a voz do Pai tem clara autoridade sobre todas as demais.

Contudo, tu és quem me fez nascer;
e me preservaste, estando eu ainda ao seio de minha mãe.

A ti me entreguei desde o meu nascimento;
desde o ventre de minha mãe, tu és meu Deus (v. 9-10).

Então, em meio às suas dramáticas circunstâncias, ele eleva a voz àquele que
ouve e age: “Tu, porém, SENHOR, não te afastes de mim;

força minha, apressa-te em socorrer-me.

Salva-me das fauces do leão (...)” (v. 19,21).

E a conversa continua. Ele transita facilmente entre pedidos de ajuda e
declarações de libertação. Essas declarações atingem o seu auge quando Jesus
coloca o passado, o presente e o futuro juntos, mesmo estando na cruz, e termina
o seu apelo com estas palavras: “sim, tu me respondes” (v. 21).

Partindo daí, Jesus vem a público com o seu louvor e considera as certezas do
futuro:

A meus irmãos declararei o teu nome;
cantar-te-ei louvores no meio da congregação;

vós que temeis o Senhor, louvai-o;

glorificai-o, vós todos, descendência de Jacó; reverenciai-o, vós todos,
posteridade de Israel.

Pois não desprezou, nem abominou

a dor do aflito,

nem ocultou dele o rosto,

mas o ouviu, quando lhe gritou por socorro

(v. 22-24).

Jesus diz que o Pai não escondeu o rosto. O Pai ouve suas súplicas. Então, Jesus nos lembra de nos voltarmos para o Senhor, porque ele tem feito o bem para nós:

Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações. [...]

A posteridade o servirá;

falar-se-á do Senhor à geração vindoura.

Hão de vir anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez (v. 27,30-31).

Este é um dos muitos salmos que nos ajudarão a aprender como direcionar as nossas conversas interiores com Deus quando a dificuldade se apresenta. Há uma infinidade de maneiras de conduzir esse diálogo. Entretanto, o Salmo 22 merece atenção especial, pois foi o pranto mais angustiado de Jesus. Como tal, pode ser um modelo para nossos próprios infortúnios, não importa quão extremos sejam.

Continue conversando, cresça durante a tribulação

Por isso, continuamos a falar com Deus, sem nos queixarmos dele. A maioria de nós se encaixa entre os dois extremos, o do Salmo 22 e o do antissalmo do homem enfrentando a opressão nazista. A maioria de nós passa por momentos em que o sofrimento adquire o poder de endurecer os nossos corações. Para alguns, pode ser algo tão simples quanto um pneu furado ou algum contratempo mecânico, principalmente se é mais uma coisa em meio a tantas outras. Para outros, o divisor de águas não é atingido até que a vida de um ente querido esteja em perigo. Todavia, para pessoas como o apóstolo Paulo e o homem que disse “Nada mudou” não há um limite, um divisor de águas. Nenhuma quantidade de sofrimento pode abalar a sua confiança em Deus. Eu temo que o meu próprio limite esteja mais próximo do pneu furado.

Com a ajuda de Deus, nós crescemos. Nós desejamos fazer dos salmos mais e mais a nossa própria verdade. Quando o problema vier e o vale-tudo irromper, seremos capazes de restaurar a ordem. Se a ordem não é estabelecida, aceitaremos mais ajuda. Nosso objetivo é criar nossos próprios salmos, nos quais nós: (1) extravasaremos nossas queixas ao Senhor; (2) revisaremos as promessas de Deus e a sua fidelidade; (3) encontraremos o nosso descanso e consolo em Jesus; e, (4) faremos com que os outros saibam que eles também podem encontrar descanso e consolo. Então, quando nós erramos, pedimos ajuda e fazemos tudo outra vez.

Uma das habilidades espirituais decisivas para todo seguidor de Jesus é a de colocar em ordem o tumulto interno e crescer com os problemas em vez de se enfurecer ou sucumbir neles (2Co 4.16). A tribulação não vencerá no final. Em meio ao sofrimento físico, podemos ter esperança, e a esperança é uma das respostas mais valiosas para as dificuldades da vida.

Discussão e resposta

1) Reflita sobre um difícil evento recente e identifique que tipo de salmo você es

2) Parafraseie o Salmo 22 e deixe o salmista guiá-lo em oração.

Nós somos necessitados

A vida é difícil Nossos corações estão ocupados Circunstâncias difíceis encontram-se

O pecado pesa muito

Peçam “ajuda” ao Senhor Peçam “ajuda” às outras pessoas

O pecado pesa muito

Temos a sensação de que o sofrimento é o nosso maior problema e nossa maior necessidade – mas sabemos que há algo mais. O pecado é, na verdade, o nosso maior problema, e ser liberto dele é a nossa maior necessidade.

Há uma ligação entre os dois. O sofrimento expõe o pecado em nossos corações de maneira que poucas coisas conseguem. Quando não estamos enfrentando nenhuma tribulação em nossas vidas, podemos confundir satisfação pessoal com fé. É possível pensarmos que Deus é bom, e que estamos satisfeitos com ele, embora não estejamos tão satisfeitos assim com ele, mas sim com a calma em nossas vidas. Então, quando a vida está difícil – principalmente quando a vida permanece difícil –, aquilo a que nosso coração tem mais apego se torna mais aparente. O sofrimento vai revelar o pecado que ainda “tenazmente nos assedia” (Hb 12.1), e o pecado pesa muito.

Nós nem sempre gostamos de olhar para ele, mas precisamos lidar com esse fardo. O pecado é o mais pesado dos pesos; o perdão é a maior libertação.

Enxergue o peso

Somente as pessoas que sabem que carregam fardos podem ser libertas deles. Infelizmente, o método para essa libertação – confissão – tem sido manchado. Adiamos as conversas sobre pecado por medo de que isso ameace nossos egos já frágeis ou nos rotule como críticos e mesquinhos. Mas, em vez de pensar sobre essa conversa como uma corrente interminável de negatividade e intimidação, enxergue-a como algo bom. Afinal, ela é parte do pacote divino de libertação

que chamamos de “Boas-Novas”.

Então, embora seja verdade que o pecado em si não é bom, enxergar o nosso pecado é bom. Enquanto o pecado nos conduz por um caminho cheio de cargas, Jesus diz, “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10.10). A confissão é essencial para esta vida.

Enxergar o peso do nosso pecado traz bênçãos. Aqui estão três:

1)Enxergar o peso do nosso pecado nos conduz a Jesus

É função do Espírito nos ajudar a ver o nosso pecado (Jo 16.8). Isso nos leva a Jesus para obtermos o perdão e isso é muito bom. Jesus veio para os pecadores, não para os justos (Mt 9.13). A convicção do pecado mostra que estamos vivos e receptivos. Convicção significa que podemos enxergar a nós mesmos, ao menos em parte, e isso é um pré-requisito para falarmos com nossos amigos sobre pecado (Mt 7.3-5).

Sem necessidade de misericórdia, por que fazer questão de se apegar a Jesus? Se o buscamos apenas para que nos livre de difíceis realidades da vida, ficaríamos melhores com Prozac ou um pouco de astúcia. Pelo menos em curto prazo, parecem ser mais eficazes.

2)Enxergar o peso do nosso pecado traz humildade

A consciência do pecado traz humildade – não vergonha ou humilhação –, e humildade é um reflexo brilhante de Jesus aos outros.

O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lc 18.13-14).

Uma meta para todos: ser capaz de identificar um padrão de pecado em nossas vidas e ser capaz de fazê-lo em apenas um piscar de olhos a qualquer momento que nos for solicitado.

3) Enxergar o peso do nosso pecado é o princípio do poder e da confiança.

Quando vemos o nosso pecado, estamos vendo a convicção do Espírito, o que significa que estamos testemunhando o poder espiritual, mas este poder é diferente daquilo que prevíamos. Não é como o poder mundano. O poder espiritual se assemelha a uma luta, ou fraqueza, ou carência, ou desespero. É simplesmente “Eu preciso de Jesus” e isso é a coisa mais poderosa que podemos dizer. Significa que a nossa confiança não está em nós mesmos, em nossa justiça diante de Deus ou em nossa reputação perante os outros. Nossa confiança está em Jesus e essa confiança não pode ser abalada. Imagine só: não mais nos escondermos de Deus, não mais estarmos na defensiva em nossos relacionamentos. Quando prejudicarmos outros, nós simplesmente pediremos perdão. A nossa segurança em Jesus nos dá a oportunidade de pensarmos com menor frequência sobre o que os outros pensam de nós. Ela nos dá a liberdade de cometer erros e até mesmo falhar. Não precisamos mais construir e proteger o nosso próprio reino.

Os pecados pesam muito, mas aqueles que enxergam seus pecados veem algo de bom. Quando confessamos estes pecados, sabendo que eles estão perdoados, vemos algo melhor ainda – o próprio Jesus.

Solte o peso

Então queremos melhorar em enxergar o pecado e confessá-lo. Queremos soltar o peso. Mas nem sempre é fácil. As crianças pequenas confessam a desobediência descarada – “Me desculpe por ter jogado a minha boneca em você” –, mas os pormenores dessa desobediência estão perdidos neles. Nós, também, podemos ser crianças. Considere o homem pego em pornografia cuja confissão – “Eu sinto muito, ok?” – não chega aos pés da de uma criança. Tais confissões, vindas de um adulto, são inconvenientes e dolorosas. Soltar o peso

do pecado significa olhar mais atentamente para os nossos corações: “Pequei contra ti, contra ti somente” (Sl 51.4).

Embora nem sempre percebamos isso, todo pecado é pessoal – é contra Deus. É contra Deus e seu caráter. Nosso pecado diz: “Eu quero a minha independência”; “Eu não quero ter parte contigo”; “Eu quero mais do que você pode me oferecer”; “Eu sei o que é melhor para mim”; ou – e este é assustador – “Eu o odeio” (Tg 4.4). Nós nem sempre sabemos que estamos dizendo essas coisas, mas essa é a natureza do coração. Geralmente, há mais acontecendo do que aquilo que percebemos.

Ao longo da história bíblica, Deus tem graciosamente deixado que seu povo veja as realidades de seus corações. Quando ele libertou seu povo do Egito e o levou para o deserto a caminho de uma terra fértil, eles murmuraram contra Moisés e Arão, perguntando-se, como muitos de nós, por que estavam sendo levados para fora do Egito, apenas para enfrentar outras dificuldades no deserto.

Moisés viu claramente: “As vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor” (Êx 16.8). Teoricamente, ninguém falou uma só palavra contra Deus, mas na verdade, todos o fizeram. O próprio Senhor respondeu a Moisés, expondo a verdade: “Disse o Senhor a Moisés: Até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?” (Nm 14.11).

E tudo o que eles fizeram foi reclamar um pouco no decorrer de um dia desafiador.

A carta de Tiago, no Novo Testamento, dá seguimento a esta visão (Tg 4.1-10). Ele nos guia a partir de coisas óbvias, como disputas e discussões, e então passa para coisas que são menos óbvias, como os nossos desejos e exigências fora de controle, a nossa infidelidade a Deus, nossa amizade com o mundo e o Diabo, e nosso ódio contra Deus. Aquilo que parecia ser uma ótima razão para se incomodar com alguém se torna uma oportunidade para que o Espírito nos leve a profundidades que não poderíamos ver sem ele.

Vamos manter em mente esse entendimento de nossos corações. Maus

comportamentos, mesmo aqueles que são culturalmente aceitáveis, como um pouco de reclamação, são expressões da nossa lealdade espiritual. E, por meio da confissão, convidamos o holofote de Deus para que brilhe sobre essas alianças desiguais e divididas.

A confissão é para todos, todos os dias.

Todos nós precisamos confessar, e precisamos fazê-lo todos os dias (Mt 6.12). Ninguém é tão ruim que está além do perdão. A Escritura inclui assassinos (Moisés), enganadores (Jacó) e adúlteros (Davi) entre o povo de Deus para que ninguém possa dizer que está além do alcance da misericórdia de Deus.

Por outro lado, ninguém é tão bom que apenas uma ou duas confissões por ano sejam suficientes. Há coisas que poderíamos confessar a qualquer momento em nossos dias, porque ninguém é perfeito deste lado do céu.

Então, mesmo que o pecado pese muito, nosso objetivo é enxergá-lo e desfrutar dos benefícios da confissão. Quando nós o soltamos, nos sentimos gratos e encontramos alegria na confissão, sabendo que já estamos perdoados porque Jesus se tornou nosso sacrifício, de uma vez por todas (Hb 10.11-14). Nossa maior necessidade foi satisfeita.

Discussão e resposta

1)Pratique dizer: “Eu sou um pecador, salvo pela graça.”

2)De que maneira você espera melhorar em confessar pecados?

Nós somos necessitados

A vida é difícil Nossos corações estão ocupados Circunstâncias difíceis encontram-se

Peçam “ajuda” ao Senhor

Peçam ajuda às outras pessoas

Peçam “ajuda” ao Senhor

No livro de C.S. Lewis, *The Horse and His Boy*, Shasta passou por uma longa jornada em que nada parecia dar certo. Enquanto toda a esperança desaparecia, ele percebeu uma presença calma, respirando “em uma escala muito grande”. A respiração quase inaudível era de Aslan, a figura que representa Deus no livro, que estava acompanhando o garoto em muitas de suas dificuldades.

“Quem é você?” perguntou o rapaz.

“Sou alguém que esperou muito tempo para que você falasse”, respondeu Aslan.⁵

Até agora, identificamos as duas batalhas da humanidade: circunstâncias difíceis e corações endurecidos. E já mencionamos brevemente sobre como a nossa resposta para ambas é falar com o Deus que ouve. Agora vamos tratar dessa resposta ainda mais.

Precisamos orar (mas resistimos)

Nem sempre é fácil falar abertamente ao Senhor. Precisamos de ajuda, mas é difícil realmente pedir isso a Deus. Por que é tão difícil? Por que às vezes resistimos em falar com ele?

Vamos analisar a ansiedade, por exemplo. As pessoas ansiosas sabem que estão necessitadas, mas seu instinto é de se preocupar com as coisas que poderiam vir nos dias apocalípticos, para que possam ficar preparadas. Enquanto isso, a

Escritura nos exorta a orar em vez de alimentar a ansiedade (Fp 4.6).

Nossa tendência é viver uma vida autossuficiente. Quando há um problema, primeiro tentamos resolver, então nós nos preocupamos, como se não houvesse ninguém que se importe ou escute. Ou talvez nós ignoramos a Deus, porque ele não nos deu o que esperávamos, ou nos escondemos dele, porque prezamos pecados em nosso mundo privado. Há provavelmente dezenas de razões pelas quais nós resistimos em chamar o Senhor.

Eu sei que eu resisto em pedir ajuda. Eu prefiro ajudar aos outros e manter a minha carência para mim mesmo. Isso significa que demoro a pedir ajuda para outras pessoas e para Deus. Isso é errado, de fato. Mas eu não estou sozinho.

Deus acusou todo Israel, dizendo, “Não clamam a mim de coração, mas dão uivos nas suas camas” (Os 7.14).

Choramingar em nossas camas é fácil e natural. Mas clamar ao Senhor é espiritual – é um dom do Espírito –, mas também é a coisa mais humana que podemos fazer. A vida real começa com “Ajuda-me, eu preciso de Jesus”. Ouça como os salmos clamam a Deus:

Inclina, Senhor, os ouvidos e responde-me, pois estou aflito
e necessitado (Sl 86.1).

Ó Senhor, Deus da minha salvação,
dia e noite clamo diante de ti.

Chegue à tua presença a minha oração,
inclina os ouvidos ao meu clamor (Sl 88.1-2).⁶

Não temos razão para resistir. Humildade diante de nosso Pai, salvador e consolador; abertura e liberdade para falar o que está em nosso coração a Jesus, que nos chama de amigo – esses são fundamentos espirituais.

Ore as orações das Escrituras

Partindo desse ponto da humildade, podemos imitar os discípulos e dizer: “Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos” (Lc 11.1). Assim, podemos ser guiados pelas duzentas ou mais orações registradas nas Escrituras. Pense nessas orações como portas abertas para nossas necessidades mais profundas. Abaixo estão algumas das orações que encontramos:

Oração para ajuda em meio a problemas

“Ajuda” em tempos de angústia será um dos nossos tipos favoritos de oração. O Salmo 130 começa com a mais penosa súplica:

Das profundezas clamo a ti, Senhor.

Escuta, Senhor, a minha voz;

estejam alertas os teus ouvidos

às minhas súplicas (v. 1-2).

Momentos difíceis são melhores quando acompanhados de “ajuda”. Nós temos uma necessidade básica de pedir “ajuda”.

No livro de Salmos, repetidamente o pedido é pela libertação dos inimigos que ameaçam destruir toda a nação. No salmo 130, a súplica é mais pessoal. O

salmista está oscilando entre a vida e a morte, e Deus nos convida a dizer essas mesmas palavras quando estamos em situações opressoras e ameaçadoras. De qualquer forma – “ajuda” para si ou para a sua comunidade –, essa é uma das maneiras que Deus nos ensina a chamá-lo.

Que forma esta libertação tomará? Essa é uma pergunta para a qual nós, verdadeiramente, precisamos de ajuda, porque nem sempre ela vem da maneira como esperamos.

Uma criança morre dois dias após o nascimento. Seus pais clamaram por socorro e centenas de amigos pediram também. Pode ainda ter havido libertação? Considere que os pais tinham sido libertados da morte e do Maligno e que a criança pertencia a Deus e estaria com ele. Essas afirmações podem não diminuir o sofrimento dos pais e amigos, mas significam que a comunidade pode lamentar essa morte com esperança.

Existem mistérios nisso tudo, mas uma vez que Deus se identificou como nosso salvador ou resgatador, estamos confiantes de que vamos ver a libertação, mesmo que pareça diferente do que esperávamos.

Oração de confissão

“Senhor, perdoa-me” é certamente uma das orações importantes da Escritura, e nós desejamos torná-la uma das nossas favoritas.

O perdão dos pecados é essencial para a satisfação humana. A palavra hebraica para esta satisfação é shalom, que significa que tudo está reto diante de Deus, e, quando tudo está reto diante de Deus, nós experimentamos uma paz duradoura que é imperturbável pelas decepções da vida. Apenas a confissão e o perdão trazem shalom.

Nós temos uma necessidade de confessar o pecado. Quando confessamos o pecado e combinamos a nossa confissão com um conhecimento correto sobre a misericórdia de Deus, esperamos nada menos do que uma paz crescente.

O salmo 130 começa com um apelo por libertação. O desespero é palpável. Ele

precisa de ajuda imediatamente. No entanto, note onde sua mente vai:

Se observares, Senhor, iniquidades,
quem, Senhor, subsistirá?

Contigo, porém, está o perdão,
para que te temam (v. 3-4).

O salmista sabe que, se não há perdão dos pecados, não há libertação. Considerando que há perdão dos pecados, ele está confiante de que nada vai separá-lo da presença amorosa de seu Deus, e, se Deus está presente, tudo está bem.

Sua necessidade de confissão e perdão é a sua mais profunda necessidade. Uma vez satisfeita, o salmista continua a oração com uma declaração de sua perseverança. Afinal, quando temos a certeza do amor fiel de Deus, estamos certos também de que veremos a bondade divina e, assim, podemos esperar pacientemente. A partir dessa declaração, ele se volta para seus irmãos e irmãs e assegura-lhes do amor fiel de Deus.

O gracioso perdão de Deus faz o seu nome grande. Ninguém mais, real ou fictício, afirma perdoar pecados como ele faz e, por isso, temos o prazer de dizer: “(...) perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores (...)” (Mt 6.12).

Em caso de dúvida, confesse alguma coisa. Confesse que você está lutando para orar, se necessário. A confissão é sempre um bom lugar para começar quando nos sentimos perdidos.

Oração para conhecer melhor a Deus

Quando o perdão de Deus toma conta de nós e começa a transformar a nossa experiência de vida cotidiana, a porta se abre para surpreender-nos com ainda mais do caráter de Deus. Quem é esse Deus que ama e perdoa?

Observe o vai e vem. As dificuldades da vida incitam a nossa oração por ajuda. A confissão e o perdão nos asseguram de que Deus realmente nos ajudará. Então nossos corações são desviados das nossas circunstâncias e rumam para o próprio Senhor.

O Salmo 46, por exemplo, prevê o pior, mas sequer pede ajuda. Em vez disso, o salmista sabe que seu maior consolo encontra-se em lembrar quem Deus é:

Deus é o nosso refúgio e fortaleza,
socorro bem presente nas tribulações.

O SENHOR dos Exércitos está conosco;
o Deus de Jacó é o nosso refúgio (v. 1,7).

O consolo do salmista é o conhecimento sobre Deus.

Para o salmista, esse conhecimento estava vinculado a promessas de Deus e a demonstrações anteriores de fidelidade para com Israel, especialmente no êxodo da nação do Egito. Para nós, esse conhecimento é resumido em Jesus. Sua morte e ressurreição nos asseguram do seu amor, perdão, presença e fidelidade. Ele é a mais profunda satisfação às reais necessidades da vida. Em algum nível, nós sempre soubemos disso. Prevíamos que nossas necessidades são supridas em um relacionamento. Já sabíamos que o amor tem algo a ver com isso. Mas não tínhamos compreendido que Jesus é esse relacionamento.

O apóstolo Paulo certamente compreendeu. Ele foi rejeitado por pessoas que amava, viveu com um problema crônico de saúde, ele havia naufragado mais de uma vez, e estava sob prisão domiciliar. Mas estava em paz, pois sua necessidade mais profunda – de conhecer a Deus – havia sido satisfeita (p.ex., Fp 4.12).

Paulo possuía Jesus, o que significava que ele possuía tudo – vida, amor, comunhão com o Pai e com o Espírito, e todas as coisas boas. Com Jesus em vista, as suas tribulações, embora extremas, pareciam leves e momentâneas (2Co 4.17-18).

Esse conhecimento de Jesus é especialmente importante durante tempos de sofrimento. Nesses momentos, Satanás levanta questões sobre o caráter de Deus e, no mínimo, sugere que Deus se opõe àquilo que nos é relevante. Se o nosso discernimento de Deus é fraco, ficamos com um deus que é uma estranha composição de verdade, mentiras satânicas, nossos desejos e expectativas, nossas experiências com nossos pais e acúmulo de mágoas da vida. Esse não é o Deus da cruz que nos amou enquanto éramos inimigos, e essa composição não vai nos sustentar.

Em outras palavras, todo sofrimento levanta uma questão relacional: Será que Deus me ama? Então, oramos a fim de conhecê-lo melhor e com precisão (Ef 1.17; 3.17-19). Ao fazermos isso, direcionamo-nos para o descanso, pois descansar nele é uma forma de honrá-lo.

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa; dele vem a
minha salvação.

Só ele é a minha rocha, e a minha salvação,
e o meu alto refúgio; não serei muito abalado (Sl 62.1-2).

Praticando a oração

O que estamos tentando fazer é deixar a Bíblia moldar a forma como oramos. Para este fim, podemos destacar as orações nas Escrituras e torná-las nossas, mas não há razão para nos limitarmos às orações das Escrituras. Em vez disso, nós podemos transformar tudo que consta na Bíblia em orações. Por exemplo, todos os mandamentos tornam-se oportunidades para confissão – “Senhor, eu estou muito aquém, por favor, perdoe-me” – e um pedido de força – “Senhor, dê-me força para segui-lo de todo o coração”. A frase do Salmo 62 sobre encontrar descanso em Deus pode estar em nossa oração representando o nosso desejo: “Pai, isso é o que eu quero – descansar somente em ti. Por favor, ensine-me que só o Senhor, e não a minha capacidade de entender as coisas, é a minha rocha e salvação”.

A Escritura nos leva das circunstâncias às questões do coração. A falta de saúde, os medos sobre aqueles que amamos, a estabilidade financeira em uma economia imprevisível – a Bíblia leva tudo isso a sério e os aprofunda.

A oração pela nossa tia doente incluirá suas circunstâncias (saúde física) e sua alma. Oraremos pela cura, e oraremos para que seu interior seja renovado, principalmente através do reconhecimento da presença de Deus, ao passo que seu corpo nunca será totalmente renovado nesta vida.

A oração sobre o nosso chefe egoísta incluirá pedirmos que ele aja com justiça e (1) que sejamos capazes de trabalhar sabendo que o próprio Jesus é o nosso patrão (Ef 6.5-6), ou (2) que encontremos oportunidades para transformar o egoísmo do chefe em bondade (Ef 4.32).

A oração por uma agenda fora de controle pode incluir (1) a confissão de querer agradar as pessoas (gente que sempre quer agradar aos outros está constantemente dizendo sim); (2) a confissão de uma obsessão por jogos de vídeo; (3) fé para assumir um dia sabático semanal; ou (4) graça para se concentrar no que precisamos fazer agora enquanto entregamos a Deus as coisas que ainda virão.

Passamos das coisas que podem ser vistas às coisas que não podem ser vistas, das circunstâncias para as realidades espirituais.

Assim, começamos com um simples pedido de “ajuda” ao Senhor. Esse é o passo mais difícil. É impossível fazê-lo sozinho, o que significa que, quando

damos esse passo, podemos ter prazer no poder de Deus que opera em nós.

E, em seguida, um universo de possibilidades de comunicação se abre para nós. Cada súplica de nosso coração pode ser ainda mais moldada pela Escritura. Clamamos, Deus revela mais de seu coração para nós, aprendemos dele e falamos mais, ele se revela mais, nós respondemos em agradecimento, e assim por diante. Precisamos dessa comunicação e estamos ansiosos para orar dessa forma com os outros.

Discussão e resposta

1)Quão parecido com Shasta você é em não falar com Deus?

2)Esse ciclo entre o que se pode ver (circunstâncias pessoais) e o que não se pode

Nós somos necessitados

A vida é difícil Nossos corações estão ocupados Circunstâncias difíceis encontra

Peçam ajuda às outras pessoas

Peçam ajuda às outras pessoas

Não se esqueça para onde estamos indo. Nós queremos ajudar bem uns aos outros. Como os ajudantes necessitados e humildes são os melhores, e, como nossa própria carência é, na verdade, útil às outras pessoas, estamos praticando os conceitos básicos de estar espiritualmente necessitados.

Estamos deixando o sentimento de carência e passando para o conhecimento das nossas necessidades mais profundas para pedir ajuda ao Senhor e, agora, para pedir ajuda a outros. Cada passo torna-se mais difícil.

Tendo em vista as dificuldades implacáveis da vida, as vozes concorrentes prontas a interpretar essas dificuldades, e o peso de pecados que talvez nem sequer enxergamos, nós oramos e, então, pedimos a outros que orem também. Isso é indispensável, porque se saltarmos direto para ajudar aos outros, sem revelar nossa própria necessidade, colocamos a humildade em risco. Leva apenas alguns segundos para reconhecer um conselheiro raso e superficial, que simplesmente solta respostas, em comparação com aquele que está necessitado perante o Senhor, que já enfrentou um caminho de transparência, semelhante ao nosso e que agora se senta humildemente conosco, lado a lado.

Pedir ajuda

Pedir ajuda às pessoas faz parecer mais fácil clamar a Deus, se formos comparar. O Senhor já sabe que somos fracos e carentes, mas e as outras pessoas? Aí a história muda de figura! Elas podem não saber e nós queremos desesperadamente parecer competentes diante delas. Apesar de a carência

espiritual ser um dos gestos mais atraentes de um ser humano, temos nossas próprias perspectivas de força, honra e outras boas qualificações, e pedidos de ajuda não estão nessa lista.

Mas deveria ser bem simples.

O apóstolo Paulo escreveu, “Irmãos, orai por nós” (cf. 1Ts 5.25; também 1Co 1.10-11; Ef 6.19-20; Cl 4.3). Aparentemente, ele não estava mais envergonhado por sua fraqueza e necessidade. Paulo foi bem treinado em rejeição e humilhação. Ele havia sido um fariseu notável e promissor e, então, tornou-se um nada. Ele era um nada perante seus parentes hebreus e não tinha reputação nenhuma perante muitas das igrejas que fundou. Como aprendeu que Jesus não construiu uma fama para si, Paulo não estava preocupado com a sua própria reputação. Era isso que o habilitava a pedir orações.

Se desejamos ser considerados competentes e com tudo sob controle, não pediremos oração. Se sabemos que os homens são, por natureza, espiritualmente necessitados, e que o plano de Deus é que busquemos ajuda tanto nele, quanto em outras pessoas, pediremos oração.

Como pedir

Independentemente de se nunca pedirmos a alguém que ore por nós ou de fazermos isso todos os dias, a meta é aumentar tanto em número de vezes que pedimos oração quanto na maneira como a pedimos.

Com que frequência? Queremos pedir mais do que pedimos agora.

De que maneira? Queremos pedir oração tanto sobre as circunstâncias, quanto sobre os assuntos do coração que se escondem mais profundamente, para coisas que podem ser vistas e também as invisíveis. Tomamos as habilidades que aprendemos na oração pessoal e pedimos a outros que orem conosco.

Primeiramente, colocamos nossos fardos em palavras.

Em segundo lugar, anexamos as palavras da Escritura que captam as nossas

verdadeiras necessidades e também os propósitos e as promessas de Deus. Ou seja, nós oramos por aquilo que sabemos que nosso Pai quer nos dar. Aqui estão alguns exemplos:

- Primeiro, o fardo: “Eu tenho estado tão cansada. Sinto como se eu estivesse sempre atrasada com tudo.”
- Em seguida, anexamos a Escritura: “Você poderia orar para que eu descanse em Jesus?” A passagem que modela essa oração encontra-se em Mateus 11.28-30:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

- Primeiro, o fardo: “Isso é tão difícil. Você pode orar pela cura da minha filha?”
- Em seguida, anexamos a Escritura: “Você também poderia orar por perseverança e para que eu seja capaz de fixar os meus olhos nas coisas invisíveis?” (Hb 6.11; 4.16).
- Primeiro, o fardo: “Eu tenho sido tão impaciente com os meus filhos nos últimos tempos. Preciso de ajuda.”
- Em seguida, anexamos a Escritura: “Você poderia orar para que eu conheça a completa longanimidade que Jesus tem por mim, para que eu possa transmiti-la aos meus filhos?” (1Tm 1.16). Ou, “Você pode orar para que eu encare a minha irritação como um problema meu e não deles? Quero enxergar que a ira é morte e o problema é que eu peço algo e não estou recebendo aquilo que peço” (Tg 4.1-10).
- Primeiro, o fardo: “Você pode orar para que eu encontre um emprego?”

- Em seguida, anexamos a Escritura: “... você oraria para que eu confie que o Senhor enviará o maná a cada dia, em vez de ficar submerso em minhas ansiedades?” (Mt 6.28-34).

E, às vezes, o nosso pedido de oração pode ser muito simples e desesperado: “Eu estou quebrantado. Você pode orar por mim? Eu não sinto que posso orar por mim mesmo, e nem sei o que orar.”

Se você já orou por alguém, você sabe que é um privilégio. Outras pessoas se sentirão da mesma forma quando lhes pedir que orem. Uma vez que aprendemos a pedir, somos capazes de solicitar ajuda para alguns de nossos outros fardos na vida, como para procurar um emprego ou limpar o apartamento. Podemos até deixar que as pessoas saibam das nossas necessidades financeiras.

Reconheça a ajuda quando ela vier

Uma vez que oramos e pedimos a outros que orem por nós, só nos resta observar. cremos que, se orarmos de acordo com as promessas de Deus, o veremos trabalhando. Assim, nós esperamos com expectativa e, então, reconhecemos sua obra. Vou listar algumas maneiras de fazer isso.

Construir monumentos

Conhecendo a tendência humana de esquecer os atos poderosos de Deus, os israelitas construíam monumentos (Js 4.1-7). Depois que o Senhor parou as águas do Jordão para que o povo pudesse atravessar para a Terra Prometida, Deus ordenou a Josué que reunisse pedras do meio do Jordão e firmasse um lembrete permanente do que ele tinha feito.

Quando compartilhamos as respostas de Deus às nossas orações com a nossa

comunidade, estamos fundando monumentos espirituais, que esperamos que durem ainda mais que meras pedras. Esperamos que edifiquem o corpo de Cristo na Terra.

Diga “Obrigado”

Um exemplo de memorial no Novo Testamento revela-se por meio de um “Obrigado”. Quando Jesus curou dez leprosos, apenas um voltou e agradeceu (Lc 17.11-19). Ele também foi o único que tinha a garantia da mais completa cura, que recebemos quando nos voltamos para Jesus como nosso Salvador, em vez de apenas como nosso médico: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (v. 19).

Diga “obrigado” – para Deus e para outras pessoas. As pessoas independentes e autossuficientes nunca dizem isso. Os arrogantes pensam que merecem todas as coisas boas que recebem e por isso nunca agradecem. Mas os espiritualmente necessitados que sabem que o Senhor tem derramado o seu amor sobre eles (Ef 1.8; 1Jo 3.1) se apressam em dizer “obrigado”.

E nós direcionamos a nossa gratidão a questões espirituais – àquilo que é permanente e garantido, questões do Espírito, e não àquilo que é temporário. Espiritual significa espiarmos através das coisas visíveis para que possamos enxergar as invisíveis. Isso inclui o perdão dos pecados, juntamente com todos os demais benefícios e promessas cumpridas que temos em Jesus e através de sua morte e ressurreição.

Observe o motivo pelo qual as questões espirituais merecem prioridade em nossos agradecimentos. Nós devemos ser gratos pela saúde física ou por um emprego após uma temporada desempregados, mas se a nossa gratidão é fundamentada apenas naquelas coisas que podemos ver com nossos olhos, as quais não duram, podemos, um dia, não ter razões para sermos gratos, pois algum dia estaremos adoecidos, e, de repente, podemos transformar a nossa gratidão em amargura.

Anuncie a fidelidade dele

Qualquer que seja o nosso monumento, nós queremos que seja público, mesmo que o público seja um amigo. Os salmistas eram especialistas nisso. Eles clamavam ao Senhor em meio a suas tribulações e recontavam a fidelidade do Pai e, caso não observassem a fidelidade de Deus nos acontecimentos daquele mesmo dia, eles reviam o passado de Israel, depositavam a sua confiança em como ele havia perdoado os pecados, e depois falavam publicamente sobre a fidelidade divina (Sl 130.7-8).

Os Salmos valorizam muito palavras proferidas em voz alta. Podemos conhecer coisas boas sobre o Senhor, mas os salmistas nos desafiam a transformar conhecimento em discurso, tanto para o Senhor quanto para os outros. O reino dos céus definitivamente não é silencioso. Quando temos boas notícias, elas devem ser anunciadas.

Nossa tarefa é simples: pedir por oração e então fazer com que aqueles que oraram por nós saibam o que Deus tem feito. É simples, mas também é uma poderosa infiltração do Espírito na vida cotidiana da igreja.

Discussão e resposta

1) De que maneira você tem pedido ajuda a outros?

2) De que maneira você vai pedir ajuda a outros?

Parte 2

Nós somos necessários

Olhando para trás. Nós somos necessitados. O objetivo é nos tornarmos amigos transparentes e humildes, que estão à vontade com a própria carência. Vemos nossas dificuldades e nossos pecados, falamos abertamente sobre eles ao Senhor e estamos dispostos a pedir a outros que orem por nós.

Olhando para frente. Somos necessários. É dessa forma que a igreja avança – através do amor e cuidado mútuo. Essa expressão de amor era menos evidente no Antigo Testamento, quando as pessoas dependiam de reis, líderes e profetas, mas, quando o Espírito foi dado em Pentecostes, tudo mudou. De repente, pessoas comuns tiveram um impacto extraordinário.

O objetivo é desenvolver-se em uma longa lista de habilidades. No entanto, essas habilidades melhorarão as básicas que já conhecemos e fazemos todos os dias: nós estendemos as mãos para os outros quando estão em necessidade, passamos a conhecê-los e oramos por eles.

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito

Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros Tenham conversas atenciosas E

Lembrem-se: nós temos o Espírito

Eu estava guardando meus recentes medos para mim mesmo. Minha esposa sabia, e ela foi útil, mas uma boa regra geral é que, quando você estiver preso em meio a dificuldades ou pecados, continue alargando o círculo de pessoas que sabem, até que você esteja livre. Penso que esta é uma boa regra, mas eu tinha decidido que eu podia passar por isso sozinho.

Eu e minha esposa estávamos em um jantar com alguns amigos quando eles perguntaram: “Como vai você?”

Na forma mais informal possível, eu disse: “Ah, eu tenho enfrentado alguns medos estranhos ultimamente.”

Nossos amigos pararam, colocando todos os demais assuntos de lado, e ponderaram sobre meus medos comigo durante meia hora. Em seguida, eles oraram por mim.

Por que isso foi tão útil? Bons ajudantes, como esses amigos:

- estão presentes, o que é uma coisa boa quando surgem receios;
- ouvem, realmente ouvem;
- o levantam;
- evitam ser conselheiros impessoais;
- nunca minimizam, nunca são banais;

- lembram.

Essas são qualidades do próprio Jesus, e são algumas das habilidades que vamos analisar à frente.

E, nessa noite que mencionei, não sei dizer exatamente o que essas pessoas comuns fizeram que me ajudou tanto, mas elas tiveram impacto. Meus medos têm diminuído desde aquela refeição. Uma coisa que eu sei é que os meus ajudantes foram qualificados pela sabedoria do Espírito Santo.

Você tem o Espírito

Tudo mudou quando Jesus veio. Ele morreu pelos pecados, ressuscitou dos mortos e, em seguida, no dia de Pentecostes, enviou o Espírito. A casta religiosa profissional já não era apenas uns poucos designados para tal. Agora os seguidores de Jesus possuem todas as competências necessárias para incentivar e instruir uns aos outros (Jr 31.33-34).

Essa é a razão pela qual nós nem sequer consideramos ajudar os outros. Vivemos na era do Espírito. Se não fosse pelo Pentecostes, seríamos agentes de referência que simplesmente apresentaríamos pessoas carentes para os verdadeiros especialistas. Iríamos nos calar por receio de apenas piorar as coisas. Com o Espírito, nós avançamos em direção a outras pessoas e somos surpreendidos em como Deus usa pessoas comuns para fazer a obra do seu Reino.

Ter o Espírito não significa que as mentes que estariam vazias, de repente, se tornam torrentes de profundo discernimento e de conforto para aqueles que precisam. Continuamos plenamente capazes de dizer coisas estúpidas e nocivas. Mas significa que a nossa capacidade de ajudar levará os sinais do Espírito, como paciência e bondade (Gl 5.22).

O Espírito dá sabedoria

O Espírito nos dá a sabedoria de Deus. Esta sobrepõe-se à que podemos obter a partir de livros e observações cuidadosas, mas é mais profunda. É sabedoria enraizada na cruz e na ressurreição de Jesus. É repleta de orientação do Pai por meio de Cristo – sabedoria esta que nunca poderíamos encontrar por conta própria (1Co 1.20-25).

Quando nos sentimos totalmente sem valor, por exemplo, podemos ignorar, debater ou sucumbir a esse sentimento. A melhor sabedoria do mundo não pode nos levar muito além disso. Por outro lado, a sabedoria de Deus revela que essa desvalorização depende dos vínculos que temos. Estamos ligados a coisas que nos foram forçadas, como os pecados dos outros, ou estamos conectados com as coisas que amamos, como trabalho, hobbies, ou mesmo as pessoas que nos amam. Acontece que nenhuma dessas coisas são suficientes em si mesmas para nos fazer completos. A profunda sabedoria de Deus revela que, pela fé, estamos ligados a Jesus, e então examinamos essa sabedoria pelo resto de nossas vidas, a fim de compreender a Cristo mais plenamente.

Como Jesus está conosco através do Espírito, sua sabedoria se torna uma parte de quem nós somos. Ela traz as verdades da cruz para os detalhes da vida diária.

- A sabedoria de Deus nos leva a servir os outros.
- A sabedoria de Deus nos mostra como perdoar aqueles que pecam contra nós.
- A sabedoria de Deus torna possível a unidade com Deus e com os outros.
- A sabedoria de Deus nos inspira a agir quando há injustiça.
- A sabedoria de Deus ajuda-nos a entender o sofrimento. Como aconteceu com o Rei, assim acontecerá conosco. Já que ele não foi poupado das crueldades do mundo, não devemos esperar que nós sejamos.
- A sabedoria de Deus nos assegura o amor divino. Enquanto éramos inimigos, ele nos amou. Esta é a única evidência forte o suficiente para confortar e atenuar as inevitáveis dúvidas sobre a bondade de Deus. Nós confiamos naquele que nos amou e expressamos essa fé no amor para com os outros (Gl 5.6).

A sabedoria de Deus é concentrada em Cristo e na crucificação. Se você a conhece, você está excelentemente qualificado para ajudar aos outros.

O Espírito opera em pessoas comuns

E existe apenas mais uma qualificação, é a seguinte: você é uma pessoa comum. Deus determinou que pessoas simples façam a maior parte de sua obra – não os profissionais, nem os especialistas.

Mas é difícil perder hábitos. Uma mulher estava passando por problemas com seus filhos e precisava de ajuda. Ela frequentava um pequeno grupo – e poderia conversar com uma pessoa (comum) lá. Sua igreja tinha uma equipe pastoral – ela poderia pedir conselhos a um dos pastores. A senhora também conhecia um estudioso da Bíblia muito inteligente, e poderia perguntar a ele. Como uma boa americana, ela escolheu o erudito. Dentro de um minuto ou dois, extremamente entediada, ela começou a perceber que o reino dos céus não avança por mero conhecimento.

Não temos nada contra o conhecimento, e certamente há espaço para a perícia, mas não vamos necessariamente querer a ajuda da pessoa que tem acesso ao máximo de informações. Queremos ajuda de alguém com sabedoria divina, a qual reside inteiramente em Jesus e está em domínio público. Uma criança pode compreendê-la, enquanto um estudioso pode estar totalmente no escuro. Parece ser uma forma questionável de mudar o mundo, mas é a maneira de Deus.

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; (...) a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1Co 1.26-29).

Que ótima estratégia. Se os bonitos, ricos e talentosos fossem os que possuem o poder espiritual, nós regrediríamos para uma sociedade estruturada em classes, que tem amaldiçoado a humanidade desde o início. Os senhores comandariam os vassalos e teriam orgulho de si próprios, como se fossem totalmente responsáveis pelo poder e pelas bênçãos que possuísem. Mas, quando pessoas comuns são usadas de maneiras que nem sequer conheciam, Deus é honrado. Provavelmente teria sido melhor se a mulher que passava por problemas com seus filhos resolvesse conversar com uma mãe sábia em seu pequeno grupo.

Está se sentindo comum ou ainda menos que isso? Você tem o Espírito? Se sim, você é exatamente a pessoa que Deus tem buscado. Quando, na sua fraqueza, você se move para perto dos outros, você honra a Deus e tem mais poder do que imagina. Você é qualificado pelo Espírito.

Discussão e resposta

1)Quais são as qualificações daqueles que lhe ajudaram em tempos de dificuldade

2)O que eles fizeram que mais lhe ajudou?

Nós somos necessários

Lembrem-se: Nós temos o Espírito

Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Tenham conversas atenciosas Enxerguem o bem – apreciem uns aos outros Car

Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Com as qualificações básicas plenamente satisfeitas, lá vamos nós.

Poderíamos começar erguendo uma pequena barraquinha na entrada da igreja, como a Lucy fazia no desenho animado do Snoopy e Charlie Brown, e colocarmos um cartaz dizendo: “Ajuda psiquiátrica, 5 centavos”. Assim, poderíamos ajudar os nossos amigos e até mesmo fazer novas amizades.

Todavia, existem alguns problemas com essa ideia. Uma delas é que ninguém nos abordaria, mesmo se baixássemos o preço, porque a maioria das pessoas não pede ajuda. Mesmo as pessoas desesperadas se demoram em pedir ajuda.

Então, tomamos a iniciativa e nos movemos em direção ao outro. Deus moveu-se em direção a nós, nós nos aproximamos de outros em nome dele.

Deus se aproxima de nós

Deus sempre toma a iniciativa. Mesmo quando Adão e Eva foram expulsos do jardim, ele os seguiu em seu exílio. Vê-lo não abandonar o seu povo, como simbolizado na relação entre Oseias e Gômer – um casamento entre um profeta e uma esposa adúltera (Os 1.2). Quando o povo de Deus fugiu dele como Gômer fugiu de Oseias, Deus se aproximou e cuidou deles como Oseias fez por Gômer.

Melhor ainda, observe Jesus. Ele incessantemente buscou e convidou os marginalizados e excluídos para estarem com ele.

A imagem que temos dos reis é que são isolados do público, como os imperadores da dinastia Ming, da China, viviam em sua Cidade Proibida. Por outro lado, o nosso Rei não somente deixa a porta do castelo entreaberta, de forma que um sujeito corajoso possa entrar sem aviso prévio. Ele dirige-se às pessoas trajando vestes comuns e pessoalmente as convida a ficar com ele. Jesus é Deus em carne e osso, que desceu do seu trono e adentrou os aspectos da vida cotidiana. Ao fazer isso, retirou todos os limites e barreiras entre nós e ele.

Deus vem a nós – isso é graça, e isso dá início a ciclos de graça através do corpo de Cristo.

Nós nos aproximamos de outros

Como o Rei age, assim age o seu povo. Ele se aproxima das pessoas; nós nos aproximamos das pessoas. Ele se move em direção às pessoas que o buscam e às pessoas que não o buscam; nós vamos na direção daqueles que querem ajuda e daqueles que parecem distantes e marginalizados. Ele se achega a amigos e até a inimigos; nós saímos do nosso círculo de amizades para alcançar aqueles muito além da nossa zona de conforto.

Imagine como isso pode transformar nossas igrejas. Se em vez de conversarmos com as mesmas pessoas – aqueles com os quais estamos confortáveis e que são semelhantes a nós –, nós tratássemos os outros como Deus nos tratou. Imagine como pouco a pouco a solidão poderia ser banida.

Parece ótimo e é divertido imaginar, mas é tão difícil de praticar, quanto realmente deveria ser. Se fosse fácil, nós poderíamos simplesmente fazê-lo. Mas já que é difícil, não natural, e, às vezes, impossível, voltamos para “Jesus, ajude-me”.

Não se engane: mover-se em direção a outras pessoas é difícil. Há pessoas com quem não nos damos, algumas das quais não gostamos, e outras que nos ofenderam. É bom nos achegarmos a outros, mas não é fácil.

Cumprimentamos uns aos outros

Vamos supor que nós finalmente conseguimos e estamos frente a frente com uma pessoa de verdade. Então o que acontece? A ideia de silêncios constrangedores e de nos sentirmos bobos ameaça o plano todo. O que diremos?

Vamos por passos. Saudamos a pessoa.

Cumprimentos não são uma forma de polidez de uma época passada. São habilidades que imitam o Senhor, que demonstram respeito e bondade para com os outros, e estamos destinados a crescer neles. Confira um dos cumprimentos de Paulo: Todos os irmãos vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo (1Co 16.20).

Não somos obrigados a beijar alguém quando o recebemos, mas, quando nos aproximamos de outros, devemos saudá-los com calor familiar. Tendo em vista que fomos convidados, bem-vindos e recebidos pelo Senhor,⁷ temos a oportunidade de retribuir. Ao acolhermos os pequeninos, acolhemos a Cristo (Mc 9.37).

Contudo, há muitas pessoas que poderíamos saudar. Mesmo em uma pequena igreja, existem pessoas demais para cumprimentarmos pessoalmente. Não pretendemos nos tornar cumprimentadores em série, que oferecem um breve e turbulento “Bom dia” e, imediatamente, passamos para a próxima pessoa e oferecemos a mesma saudação.

Considere quem você está cumprimentando. Eles são filhos do Rei, seus irmãos e irmãs. Alguns podem estar se sentindo perdidos, o que é mais uma razão para abordá-los. Outros podem estar à procura de algo, sem saber o que buscam, e nós temos o privilégio de convidá-los para um lugar que pode ser um lar. Também há aqueles que já vimos antes, mas ainda não sabemos seus nomes.

Claro, essas saudações levam tempo. Isso significa que nossa lista de cumprimentos pode ser curta, pois temos uma quantidade finita de tempo quando

a igreja está reunida – ou quando cruzamos com um amigo na rua. Não podemos saudar a todos. Então aqui está como nós priorizamos:

- O visitante (a quem a Bíblia chama de “estrangeiro”) vem em primeiro lugar.
- A seguir, vem o visitante que retorna para uma segunda visita.
- Depois, os menos populares, os introvertidos, os marginalizados ou aqueles sentados sozinhos.
- Em seguida, as crianças. Jesus as destaca como exemplos dos marginalizados.
- “Olá _____” é oferecido para tantas pessoas quanto possível, e não precisa acompanhar um abraço ou um aperto de mão.

Bons amigos se intercalam em meio a esses cumprimentos, mas são deixados para o final ou outra hora, se o tempo é curto.

Uma aplicação satisfatória da Escritura é que cumprimentemos alguém novo ou alguém que não conhecemos bem a cada vez que nos reunimos com os outros no corpo de Cristo.

E se nos sentirmos meio estranhos? Isso é positivo. Algumas pessoas são naturais em abordar os outros, cumprimentá-los e puxar conversa. A maioria de nós, não. Então, oramos para que aprendamos essa característica do caráter de Deus. Nós nos movemos em direção a outros, não porque podemos fazê-lo com facilidade, mas por causa de Jesus.

Discussão e resposta

1) A mera força de vontade pode não nos levar muito longe, mesmo em algo tão

2) Como você planeja agir neste chamado de se aproximar de outros?

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Tenham conversas atenciosas

Enxerguem o bem – apreciem uns aos outros Caminhem juntos, contem história

Tenham conversas atenciosas

Uma vez que as saudações terminam, o prazer de conhecer alguém começa. Isso significa ter conversas atenciosas – que penetram as sutilezas da superfície. Nosso objetivo não é encontrar problemas para que possamos ser ajudantes. Nós apenas estamos interessados em conhecer outra pessoa, o que é uma característica básica do amor de todos os dias.

Mas isso nem sempre começa bem. Imaginemos que você esteja de frente com alguém que não conhece.

“Bom dia. Meu nome é Suzana.”

“Oi. Eu me chamo Naomi.”

E então... nada.

Isso parece acontecer mais frequentemente com homens do que com mulheres, mas a ideia de que possa acontecer é suficiente para mantê-lo entre as relações mais seguras.

Ou talvez você veja uma pessoa que parece manter certa distância, e você vai até lá e se apresenta.

“Bom dia. Meu nome é Bill. Creio que não nos conhecemos.”

“Não.”

“Bem-vindo à nossa igreja. Você já esteve aqui antes?”

“Não.” Humm, ele parece incomodado, mas você decide continuar tentando e procura uma pergunta que possa suscitar mais do que um sim ou não.

“Você é daqui?”

“Sim.”

Quem me dera ter feito uma pergunta melhor.

“Tudo bem, então... Eu só queria... dizer oi.”

Muito embaraçoso, mas não deixe que essa experiência o desanime de aproximar-se desse rapaz e de outros como ele. Ao fazer isso em nome de Jesus, você está fazendo uma coisa boa. O sucesso é medido de forma diferente no reino de Deus. E, quem sabe? Talvez ele continue vindo para a igreja e, depois de mais uma dúzia de cumprimentos, ele comece a confiar em você e compartilhe mais alguns detalhes sobre si.

Conhecer e ser conhecido – gostamos de relacionamentos humanos por natureza, e esses vínculos são moldados ao longo do tempo, através de interações e perguntas habituais que aos poucos solicitam mais e mais. Tais conexões são a base para a ajuda mútua, e são úteis em si mesmas, uma vez que são expressões de amor.

Pense nas melhores conversas que você já teve. Elas provavelmente incluíram dar e receber, grande interesse de ambas as partes, diálogos sobre coisas que são importantes. Nosso objetivo é aprender com essas conversas e duplicá-las sempre que possível.

A seguir estão algumas ideias sobre como ter essas conversas atenciosas.

Um roteiro inicial

Durante uma primeira saudação, normalmente temos alguns comentários e perguntas já elaborados:

“Creio que não nos conhecemos. Eu sou Joe.”

“Você já esteve aqui antes?”

“Mora aqui faz tempo?”

Conversas subsequentes também têm frases padrão:

“Prazer em vê-lo novamente. Como tem passado?”

“E o Corinthians, hein?”

“O clima está agradável, não é?”

Podemos situar essas questões no raio-X do capítulo dois, entre os vários anéis ou círculos concêntricos. Esses anéis identificam os eventos, as circunstâncias e influências em nossas vidas.

Existem muitas outras perguntas:

“É casado?”

“Tem filhos?”

“Qual é a sua profissão?”

“Pretende viajar neste verão?”

“Quais os planos para as férias?”

“Onde você mora?”

“Onde você cresceu?”

“O que está acontecendo em sua vida?”

“Estão todos bem na sua família?”

Essas são ótimas perguntas, mas, assim como aperitivos antes de uma boa refeição, nós não queremos nos saciar delas, pois não tratam de nada pessoal. Boas conversas vão um pouco mais longe.

Perceba os afetos

Esperamos compreender o que é importante para a pessoa com quem estamos conversando, ou seja, esperamos ouvir o que está em seu coração. O caminho para obtermos isso é ouvir analisando o que é querido, o que é amado, o que é temido, o que é difícil – nós ouvimos buscando compreender como aquela pessoa se sente. Por exemplo, com certeza nos interessam os nomes e as idades dos filhos de alguém, mas também queremos ouvir histórias sobre as crianças que revelam carinho, esperanças ou tristezas dos pais.

Alguma vez, no início de um relacionamento, você já passou por uma situação em que a pessoa com quem você estava conversando foi emocionalmente vazia durante todo o papo?

“Vai viajar nestas férias?”

“Sim, nós costumamos visitar a família do meu marido.”

“Você gosta ficar com eles?”

“Ah, é bom. É o que sempre fazemos.”

E agora? Uma resposta vaga lhe dá pouquíssimo direcionamento. Não deixa espaço para uma continuação. Então vocês ficam só olhando um para a cara do outro, ou você muda de assunto.

Ouvimos buscando sinais de vida. Uma pergunta sobre as festas de fim de ano pode revelar o prazer ou a dor de reunir-se com os parentes. Uma pergunta sobre saúde pode revelar gratidão ou medo. Assim, mantemos nossos ouvidos atentos para detalhes que são importantes para alguém. Isso pode parecer sistemático, mas não é. É o que se faz naturalmente quando se está interessado em alguém. Você capta as afeições. Você analisa o que emociona, o que é valorizado, e que é difícil.

Queremos conhecer os outros, mas não podemos fazê-lo simplesmente acumulando acontecimentos de suas vidas. Conhecimento pessoal é nosso objetivo. Quando as Escrituras dizem que Deus nos conhece (p.ex. Sl 139.1), significa que ele sabe quais são os nossos prazeres e nossas tristezas, nossos amores e desamores, e ele nos tem em seu coração. Como fazer isso por alguém de quem estamos tentando nos aproximar? Por meio de perguntas que atingem o que importa.

“O que você fez esta semana?” Essa pergunta obtém informações.

“Como você está?” Essa pergunta já fica mais pessoal.

Existem duas versões da pergunta que envolve o “como”. A primeira, é uma saudação simples que não requer nada além de uma resposta automática: “Tudo

bem. E você?” A segunda versão, é revolucionária e algumas pessoas nunca a ouviram. Quando alguém responde com um superficial “Bem”, você pode prosseguir com “Como você está, de verdade? Como foi a sua semana?” Agora estamos alcançando maior intimidade. Podemos até ignorar totalmente aquelas outras perguntas que buscavam apenas informações superficiais e mirar em um conhecimento mais profundo dessa forma.

“Como vai [realmente] seu trabalho?” Uma resposta superficial, como “Bem” agora se torna “Estou preocupado com cortes no orçamento e com o futuro da minha posição”.

“Como está a escola?” Uma resposta como “Quase terminando” pode ser seguida de “Teve alguma coisa em especial de que você gostou?” ou “Tem planos para o próximo ano?”.

“Como estão seus filhos?” As crianças sempre são importantes para os pais e, por isso, certamente você ouvirá algo sobre o coração de uma pessoa com esta questão. E esses pais vão amá-lo por ter feito esta pergunta.

Escutamos buscando gostos e desgostos. Ouvimos buscando sentimentos e emoções porque eles revelam esperanças e medos. E nós o fazemos procurando o lugar de Deus em tudo.

A mera informação por si só pode ser chata. “Eu acordei, comi um pãozinho no café da manhã, tomei um banho, dirigi até o trabalho...”. Blá, blá, blá. Se a conversa ameaça ficar nessa lenga-lenga de informações, ataque assim que houver uma pausa.

“E como você está?”

Nós adentramos o mundo da outra pessoa, caminhando lado a lado. Queremos nos emocionar com as coisas que a emocionam. Então, com ela em nosso coração, oramos por essa pessoa ou perguntamos como podemos orar por ela.

Oração

Uma vez que oramos com ou por alguém, estamos na história em curso de sua vida, e isso é uma honra.

Ouvimos informações.

Escutamos o que é importante para ele e deixamos que isso seja abrigado em nosso próprio coração.

Oramos por ele.

Depois, retomamos o assunto na próxima vez que o virmos:

“Eu estive pensando sobre o seu filho. Estou orando para que ele não desanime por conta das dificuldades que sente na escola e que continue conversando com você sobre isso.”

“Tenho orado pelo seu relacionamento com seu chefe, para que você tenha paciência, sabedoria e a confiança de que Deus está com você. Como vão as coisas?”

Tudo isso pode parecer o mínimo de ajuda e, em certo sentido, é. Até aqui, nós não doamos horas do nosso tempo. Cumprimentamos numa semana e fazemos algumas perguntas de acompanhamento na seguinte. Não parece muito. Mas aqueles que recebem esses mínimos cuidados são abençoados.

Conhecer os outros bem, o suficiente para orar por eles – isso é a ajuda em sua forma mais básica e no seu melhor.

1) Todos nós podemos desenvolver conversas diárias e mais intencionais. Como

2) Quem em sua vida está um passo adiante de você em conhecer pessoas? O qu

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Enxerguem o bem – apreciem uns aos outros

Caminhem juntos, contem histórias Tenham compaixão em meio às dificuldades

Enxerguem o bem – apreciem uns aos outros

Como regra geral, não seremos capazes de ter relacionamentos maduros nos quais ajudamos outras pessoas a menos que vejamos o bem nelas, e elas saibam disso. Você ouviria alguém que o ajuda apenas por dever, em vez de amor? Você escutaria alguém que não gosta de você? Deus determinou que a ajuda aconteça num contexto de amor e respeito. Podemos resumir em uma palavra: apreciação – você aprecia essa outra pessoa?

O apóstolo Paulo fez isso muito bem, “Sempre dou graças a [meu] Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus” (1Co 1.4). É assim que ele começa sua primeira carta aos Coríntios. É dessa forma que ele começa todas as cartas. O que diferencia essa epístola das demais é que os destinatários eram maus. Eles se vangloriavam de sua reputação e associações, ignoravam os pobres entre eles e eram conhecidos por serem segregacionistas. No entanto, mesmo em toda a sua maldade e em seu desrespeito para com o apóstolo, Paulo podia ver o Espírito trabalhando neles. Ele podia ver o bem neles e apreciou isso.

Tal atitude pode levar a conversas mais profundas:

“Deixe-me dizer mais sobre a graça que tenho observado em você.”

“De alguma forma, você mantém a esperança frente às dificuldades. Como você faz isso?”

“Você tem recebido dons maravilhosos, e eu tenho orado para que Deus a proteja para que você possa continuar a usá-los bem.”

“Estive pensando em você recentemente.”

Se estivéssemos recebendo tais comentários carinhosos, estaríamos dispostos a nos abrir para quem os fez, colocando essa pessoa entre aqueles que podemos contar em tempos de luta. Paulo nos ensina algo muito importante a esse respeito – ele não deixou o mal ofuscar o bem. Ele foi capaz de confirmar o bem e incentivou seus leitores na fé. Queremos fazer o mesmo.

O objetivo aqui é manter nossos olhos abertos para as coisas boas nos outros. Quando as enxergamos, as apreciamos e destacamos. À medida em que for conhecendo as pessoas, você encontrará muitas coisas complicadas, algumas pouco atraentes, mas também verá o bem. Você enxergará as pessoas mais como Deus faz, e isso será uma bênção.

Procure o bem

Toda a humanidade foi criada à imagem de Deus (Gn 1.27). Embora o pecado tenha distorcido e maculado essa imagem, ela persiste e é a razão pela qual podemos amaldiçoar ou abençoar uns aos outros (Tg 3.9). Tudo de bom é um reflexo de Deus, que é bom. A história a seguir é um exemplo do que pode acontecer quando você procura o bem.

Uma esposa não aguentava mais as mentiras do marido, os comentários obscenos sobre outras mulheres, a embriaguez e o narcisismo. Ela pediu para ver o pastor da igreja que frequentava, e seu marido, que zombava de sua profissão de fé, estava disposto a ir com ela.

Por que ele foi encontrar o pastor? Ele disse que certamente não mudaria, mas queria “ajudá-la a ser mais feliz. Eu a amo”.

O pastor viu o mal. O pecado do marido era enorme. E a maioria das pessoas perdoaria o pastor prontamente se ele pulasse no pescoço do marido. Contudo, o pastor tomou uma posição diferente. Ele viu o lado humano – algo refletia Deus nele. Ele viu como o homem estava comovido por sua esposa, por sua simples disposição de vir e buscar ajuda com ela, e isso é bom.

“Você é um claro exemplo de mescla de sentimentos. É durão por fora, mas é mais afável por dentro do que deixa transparecer. Obrigado por ter vindo.”

Logo o pastor tomou conhecimento de algumas das coisas difíceis e dolorosas na vida deste homem.

Somente continue indo em direção ao coração. Ele é o depósito para a nossa vida emocional, e o bem vem de suas nascentes. Continue procurando até enxergar o bem e você o alcançará.

Perceba as qualidades no caráter

Anseie descobrir paciência, autocontrole, humildade, bondade, atos altruístas, palavras encorajadoras, atenção, cortesia (que é uma forma de respeito), interesse pela justiça e pelos marginalizados, esforço e amor. Esses reflexos de bondade divina devem ser identificados, elogiados e apreciados. Ainda que ocorram de maneira ocasional e breve, e mesmo que estejam contaminados com egoísmo ou orgulho, não deixe que as características pouco atraentes da vida de alguém o ceguem para o bem.

A casa dela está uma bagunça, e seus amigos presumem que ela se atrasará. Muitos a consideram pouco confiável, capaz de frustrar os planos. Mas aqueles que a conhecem enxergam mais do que isso. Quando é necessário ajudar, ela está presente e, normalmente, pontualmente. Quando você fala com ela, ela é toda ouvidos. Ela o escuta, prevê aonde você quer chegar, se emociona por aquilo que você diz, e vai orar por você mais do que cinco outros amigos.

O amor é capaz de ver além da desordem de uma vida tumultuada.

Outros indícios do bem nas pessoas são fáceis de ver, mas apenas se você tiver acesso a alguns detalhes dos bastidores.

Ele nunca está ocupado demais para ajudar. A mais recente interrupção em seus dias muito atarefados foi uma viagem de duas horas para ir buscar um membro de sua igreja. Ao recontar a viagem para um amigo, ficou claro que ele tinha desfrutado cada momento dela, ainda que na noite anterior tivesse ido dormir muito tarde. Esse bem foi reconhecido porque o amigo com quem ele compartilhou a história dispôs de tempo para conversar com mais detalhes.

Perceba dons e talentos

Todos nós temos pontos fortes. Eles podem ser usados de forma egoísta, mas também são dons de Deus, quando expressos ao servirmos uns aos outros.

Provavelmente, você consegue identificar os dons dos seus amigos rapidamente, incluindo habilidades em organização, administração, música, ensino, criação de filhos, matemática, leitura, mecânica, estética, decoração, planejamento, informática, eletrônica, construção, empatia e esportes. Um exemplo:

Ela era uma típica adolescente – piercings, tatuagens, um sorrisinho de desprezo

e um compromisso de parecer desinteressada na igreja. Nenhum adulto havia tentado qualquer contato com ela.

As crianças da igreja gostam de correr entre os bancos após o culto. Num domingo, uma garotinha de dois anos de idade, que costuma compor essa correria, desviou e foi para as escadas. A criança já sabia subir e descer os degraus, mas a adolescente tatuada não estava certa disso, e prontamente foi junto para garantir que a menina estava bem, conduziu-a em suas andanças e, em seguida, acompanhou-a de volta para o salão.

Uma mãe assistiu a toda a cena e se aproximou da adolescente, dizendo: “Muito obrigada pela forma como cuidou da pequeninha. Você é muito carinhosa. Mas é melhor ter cuidado. Em breve todas as crianças vão te querer como irmã mais velha.”

A partir desse momento, era visível como a adolescente se alegrava e relaxava sempre que essa mãe parava para lhe dizer um oi.

Apenas continue procurando. Você verá algo bom.

Um rapaz autista pode se lembrar de nomes, aniversários e assuntos conversados com muitas pessoas. Se você o encontrasse, pensaria que ele nem o notou, porque ele sempre desvia o olhar. Mal você sabe que ganhou um lugar no coração do rapaz e que ele se lembrará dos detalhes dessa conversa na próxima vez que se virem.

A igreja é um local ideal para ver os talentos e dons dos outros, pois a maioria deles aparece dentro de um contexto de servir às pessoas.

Perceba gostos e preferências – Até mesmo hobbies

Ao passo que qualidades de caráter e até mesmo dons inatos podem passar despercebidos por quem os possui, gostos e preferências são o que os outros conscientemente apreciam.

Atentem para o que o anima. Quando ouvimos alguém discorrer com entusiasmo sobre algo, somos apresentados ao que lhes traz prazer e talvez passemos a gostar disso também.

E se gostarem de algo que achamos desinteressante? Por respeito, acreditamos que possuam uma boa razão para apreciarem aquilo e por isso mais perguntas podem ser feitas.

“Por que você gosta tanto de assistir beisebol?”

Sim, nós gostamos de certas coisas simplesmente porque gostamos e, às vezes, as pessoas não conseguem numerar razões para as suas preferências. Mas, se perguntarmos, talvez obteremos mais informações.

Eu conhecia um rapaz que tinha uma preferência por Pepsi Diet que beirava a obsessão, e ele sempre me pareceu um pouco irritado se eu bebesse outra coisa quando Pepsi Diet estava disponível. Por anos, eu atribuí esse fato a uma excentricidade, até que perguntei o motivo pelo qual esse refrigerante parecia tão importante para ele.

“Meu irmão mais velho, que morreu quando eu tinha oito anos, bebia Pepsi Diet.”

Essa é uma preferência admirável.

Com beisebol, você pode ouvir algo semelhante:

“Eu gosto de assistir com os amigos.”

“Gosto das estatísticas e da camaradagem de estar em uma liga virtual.”

“Quando era garoto, eu costumava assistir junto com o meu pai, e isso me faz sentir mais próximo dele.”

Agora estamos chegando a algum lugar. Gostar de esportes pode ter a ver com relacionamentos, com admirar habilidades físicas ou apreciar estratégia. Ao partilhar dos interesses e prazeres dos outros, talvez você comece a apreciar aquilo de que eles gostam ou, pelo menos, as razões pelas quais eles gostam de tal coisa.

Perceba a vitalidade espiritual

Apesar de tudo o que tratamos ser muito agradável, nada supera as expressões mais diretas de fé em Jesus Cristo.

Uma amiga pede-lhe que ore por ela.

Uma pessoa conta uma história em que buscou a Cristo em meio a uma grande fraqueza.

Alguém confidencia a você que sofre com acessos de raiva e pede ajuda.

Um cônjuge diz: “Eu me senti tão encorajado pelas Escrituras nesta manhã. Posso lhe contar sobre o que li?”

Imediatamente após um culto na igreja, uma amiga o cumprimenta e menciona especificamente como ela se sentiu desafiada e encorajada pelo sermão da manhã, e pede a sua opinião como forma de aprender ainda mais.

Um amigo me contou sobre seu sermão favorito. Tinha dez minutos de duração,

e ele o recontou palavra por palavra. O resultado foi uma bênção dupla. Ele gostou de recordá-lo, e eu fiquei encantado. No dia seguinte, enviei-lhe este recado: “Muito obrigado pelo sermão. Entrou para os meus favoritos e eu vou citar você quando transmitir aquelas palavras para outra pessoa.”

Todos nós podemos ver o bem em nossos amigos. Entretanto, a Bíblia nos autoriza a enxergar o bem e apreciá-lo em todas as pessoas, mesmo quando a maioria de nós nem sempre é tão boa. Isso vai incentivar os outros, aumentar a nossa afeição por eles e tornar muito mais fácil conversarmos sobre as tribulações e dificuldades.

Discussão e resposta

1) De quem você gosta? Você já disse a essas pessoas por quais motivos as admi

2) Você tem reconhecido as boas qualidades de alguém em sua vida, mas não dis

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Caminhem juntos, contem histórias

Tenham compaixão em meio às dificuldades Orem em meio às dificuldades Este

Caminhem juntos, contem histórias

A partir do momento em que enxergar as virtudes de alguém, você vai querer caminhar lado a lado com essa pessoa. Os cumprimentos e as conversas de que tratamos até agora poderiam ser feitos em cinco minutos ou menos, depois de um culto na igreja, no jogo de futebol de uma criança, ou ao cruzar com alguém em uma loja. O privilégio de se aprofundar na vida do outro levará um pouco mais de tempo. Esse tempo pode resultar de minutos acumulados antes e depois dos cultos da igreja, gradualmente passando para assuntos mais profundos, ou pode ser composto por longos períodos, durante um café ou em um pequeno grupo.

Breves conversas se tornam mais longas, e essas exigem novas habilidades, e, se quisermos ajudar os outros, precisamos desenvolver essas habilidades. Vida cristã compreende crescimento. Tudo está em movimento, elaborado a partir do nosso conhecimento de Jesus Cristo e do poder do Espírito. Conversas e relacionamentos também avançam. Eles crescem, se aprofundam, tornam-se mais amorosos, encorajadores e prestativos.

Pergunte sobre suas histórias

Uma das vantagens de uma amizade crescente é conhecer a história desse nosso amigo. A própria Escritura é a história de Deus, e nós o conhecemos através dela. Assim, não nos surpreende que aprendamos sobre os outros por meio de suas histórias.

Nós gostamos de contar a nossa e gostamos de ouvir as de outras pessoas.

Histórias curtas

Nós já escutamos histórias curtas:

“O que o médico disse?”

“Conte-me sobre o que aconteceu no trabalho.”

“Como foram suas férias?”

“Como foi a visita à sua irmã?”

“Como você conheceu este bairro?”

Quanto mais importante for a história para a pessoa, mais você deve atentar aos detalhes.

Histórias longas

Para ouvir as histórias longas pode ser necessário marcar um almoço ou um jantar.

“Como você se tornou um seguidor de Jesus? A versão mais longa, por favor.”

Certa vez, uma mulher veio à nossa casa para o jantar. Ela estava frequentando a

igreja de que participávamos, mas estava ficando de canto. Ela era quieta, quase tímida, mas poderia se irritar em pouco tempo.

Pedimos que contasse sua história. Especificamente, queríamos saber como ela veio a conhecer e seguir a Cristo.

A história começou inocentemente. Em seus vinte e poucos anos, ela vagou como se procurasse alguma coisa. Por fim, as palavras de um pregador de rua soaram verdadeiras, e ela aceitou Jesus com seus fardos e seguiu-o. Ela sabia que sua vida havia mudado. O pregador então pediu a ela que fosse morar com ele, a fim de ser devidamente “discipulada”. Porém, a tutoria revelou-se uma escravidão comandada por ele nos oito meses seguintes, que teve fim somente ao conseguir escapar para outro lugar do país, quando ele começou a perder um pouco o controle. Ela havia escondido essa história pelos últimos 10 anos, e contá-la para nós foi uma libertação.

Fomos abençoados por ela confiar em nós com uma confissão dessas. O motivo de seu distanciamento dos outros de repente estava claro, e nós imediatamente entendemos o que ela sentia quando os líderes espirituais de nossa igreja, embora bem intencionados, a lembravam de um momento anterior. Como resultado dessa sua revelação, tanto a minha família, quanto a igreja, fomos capazes de incluí-la com mais sabedoria, paciência e amor.

Ela foi abençoada ao se tornar conhecida e ao ser abraçada pela comunidade; nós fomos abençoados ao conhecê-la e ao sermos incluídos em sua vida.

Histórias sobre como alguém veio a conhecer Jesus são as melhores, porém existem ainda outras histórias longas que também são importantes:

“Por que você escolheu essa profissão?”

“Como era sua a família quando você era criança?”

“Como conheceu seu cônjuge?”

“O que você tem aprendido no casamento?”

Poucas coisas superam o prazer de ouvir a história de alguém. Conhecer e ser conhecido. Abertura e transparência. Uma amizade a desabrochar. E, enquanto desenvolvemo-nos nisso tudo, devemos contar com essa regra geral: quanto melhor você conhecer outras pessoas, mais gostará delas e as apreciará – isto é, mais você as amará. E, quanto mais você ama, mais elas contarão contigo em tempos de tribulações.

Cuidado: evite histórias iguais

Ao andarmos juntos, acumulamos, aos poucos, uma lista do que devemos ou não fazer. A seguir está um exemplo do que não devemos fazer.

Seu amigo: “Você não vai acreditar no que aconteceu comigo no outro dia. Eu estava limpando a calha e coloquei minha mão bem dentro de um ninho de abelhas. Fui picado cinco vezes em uma das mãos e uma vez no rosto. Os vizinhos pensaram que eu estava ficando louco quando me ouviram.”

Você: “Uau, que coisa! Eu odeio picadas de abelha. Acontecem comigo toda primavera e outono, não importa o que eu faça. No outono passado, apareceram umas abelhas bem pequeninhas em nosso jardim, que me picavam todas as vezes que eu passava. Eu devo ter sido picado umas dez vezes. Pensei que iria acabar no hospital.”

Muitos diálogos são compostos por um contando uma história pessoal e o outro equiparando essa história. Isso não é errado. Queremos conhecer e ser conhecidos, e trocar experiências semelhantes é uma maneira de fazermos isso. Mas não é interessante demonstrarmos que “Ok, já basta sobre você, vamos falar sobre mim”. Em vez disso, devemos dar prosseguimento, “E daí, o que aconteceu?”. Caso contrário, seu amigo sentirá que você não prestou atenção de verdade no que lhe contou e pode ficar receoso em compartilhar outras histórias

mais complicadas com você.

Acompanhe e extraia o que é mais importante

O amor naturalmente se apega ao que é importante na história de alguém e faz o acompanhamento. Na história da abelha, poderíamos perguntar: “E como você está se sentindo agora? As picadas ainda o incomodam?”

Quando nos preocupamos com alguém, ficamos alertas, buscando aquilo que é mais preocupante, mais emocionante, mais esperado e mais desejado. Nós ouvimos com ainda mais atenção quando emoções fortes como raiva, medo, vergonha, tristeza e sofrimento são evidentes. Talvez notemos expressões ou figuras de linguagem. Termos como “deprimido”, “se afogando”, “escuridão”, “sozinho” e “andando nas nuvens” vão revelar muito a você.

Caso esteja ouvindo uma história longa e queira ter a certeza de que compreendeu os elementos principais, tente assinalar um evento da história que, em um episódio, resuma os pontos importantes na vida de seu amigo.

Você consegue identificar os momentos decisivos? Os personagens mais influentes? Onde o passado deixou a sua marca?

Dê ênfase quando perceber esses pontos. Pode ser um breve comentário “Você realmente ama seu pai”. Pode sondar: “Essa mudança na sétima série parece ter feito uma diferença enorme para você”, ou “Pode me contar mais sobre sua avó? Ela parece ser realmente importante para a sua história”.

Você percebe algum arrependimento? Algo que seu amigo gostaria de voltar atrás e fazer de novo? Sem dúvida, a Bíblia trata da culpa, tanto das suas causas, quanto da sua cura. E, independentemente do motivo, a culpa tende a sufocar o crescimento espiritual. Portanto, precisamos dar atenção ao menor sinal dela.

Quando não identificar o que é importante na história de alguém, basta perguntar “O que é mais significativo para você sobre isso? Qual é a parte mais difícil desse problema para você?”.

Todas essas perguntas servem como um lembrete de que as histórias daqueles que você ama são interessantes e importantes. Por isso nós escutamos atentamente em busca de pistas, resgatamos as pessoas por meio de suas confissões e compartilhamos tanto as alegrias quanto os fardos.

Discussão e resposta

1)O que você tem apreciado ao ouvir as histórias de outras pessoas?

2)O que você gostaria que as pessoas soubessem sobre a sua própria história?

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Tenham compaixão em meio às dificuldades

Orem em meio às dificuldades Estejam alertas aos intentos de Satanás Preparem-se

Tenham compaixão em meio às dificuldades

Nós avançamos em direção aos outros.

- Nós os cumprimentamos.
- Temos conversas curtas, mas significativas.
- Aos poucos, nós descobrimos o que é importante para eles.
- Começamos a orar por eles.
- Enxergamos o bem. Gostamos deles. Nós os apreciamos.
- Temos conversas mais longas.
- Continuamos a orar por eles.

Esses passos simples são mais lembretes de como ser um amigo, do que conhecimentos profundos sobre a arte de ajudar. Todos nós podemos praticá-los. Eles são fáceis e comuns.

O risco encontra-se no fato de que sua própria singeleza possa nos levar a julgá-los como maneiras de menor valor para cuidarmos uns dos outros. Mas a verdade é que, ao seguir esses passos, descobriremos que essa estratégia é poderosa o suficiente para alcançar nossas almas. Quando alguém põe em prática apenas um ou dois desses pontos em nós, eles deixam a sua marca. Isso porque cada passo tem a marca de Jesus, então você pode ter a certeza de que cada um

deles será frutífero.

Agora observe como os relacionamentos naturalmente progridem a partir daí. Quando você acompanha o que é importante para alguém, esse caminho vai levá-lo para as principais batalhas da vida: o sofrimento e o pecado. O sofrimento é o problema que vem até nós. O pecado é o problema que sai de nós. Nos próximos capítulos, o objetivo é extrair das Escrituras algumas maneiras como Deus trata dessas duas dificuldades diárias, para que possamos tratar delas também.

A luta de uma pessoa com o pecado pode predominar e se tornar o foco da nossa conversa. Se alguém confia a você uma indulgência em pornografia ou ira cruel, vai prender a sua atenção. Mas mesmo aí, talvez conversemos sobre as dificuldades que antecederam este pecado específico, antes de se concentrar no próprio pecado. Nós normalmente falamos sobre as nossas tribulações com o outro antes de falarmos sobre o nosso pecado.

Compaixão

“Nós nunca mais seremos os mesmos. Sempre soubemos que a perda de um filho era um dos golpes mais fortes, e tem sido pior do que poderíamos ter imaginado, mas Deus tem nos dado graça suficiente para encararmos cada dia.”

Seu filho de trinta anos de idade havia morrido em um acidente de moto apenas dois meses antes. Não foi nada imprudente, não envolveu drogas ou álcool. Um cervo cruzou a estrada.

Em face de tal notícia, temos de fazer alguma coisa. A dor que ouvimos merece uma resposta sensível. Isso significa que nós amamos aqueles que sofrem a tal ponto que nos comovemos com suas dificuldades. De certa forma, a compaixão é a companheira da afeição. Nós apreciamos as coisas boas em alguém e temos compaixão durante as situações difíceis.

A compaixão sofre com os que sofrem

Nenhum olhar vago, nenhuma mudança de assunto. Quando ouvimos as dificuldades daqueles que amamos, encontramos um lugar em nosso coração para eles, de tal forma que nós também não somos mais exatamente os mesmos. “Eu sinto muito. É tão difícil e doloroso. Corta-me o coração ouvir sobre isso” – essas palavras podem parecer dramáticas ou extremas, mas são palavras adequadas de compaixão vindas de um amigo amoroso.

Buscamos palavras para expressar compaixão, que até pode ser demonstrada em obras, mas, em geral, é cultura da família de Deus se expressar por meio de palavras. Nós falamos com Deus e uns aos outros com frequência. A sabedoria nisso é óbvia para aqueles que estão aflitos, porque o silêncio geralmente é interpretado como indiferença.

“Eu sinto muito”, “Pode contar comigo” – é o que queremos comunicar.

A compaixão se lembra

Se o sofrimento de alguém nos comove, vamos nos lembrar dele, o que é uma das grandes dádivas que damos uns aos outros.

Quando o pai de um jovem faleceu, sua igreja, como seria de se esperar, o amou e cuidou muito bem – convites para jantares, grande prioridade na lista de oração de todos, e-mails, textos e cartas calorosos. Depois de uma ou duas semanas, o cuidado generoso começou a diminuir, como também seria de se esperar. As poucas pessoas que ainda perguntavam ao jovem como ele estava se destacaram para ele como extraordinariamente solidárias.

Um ano depois, no aniversário da morte do pai, um amigo da igreja ligou e deixou uma mensagem: “Lembro-me de que seu pai morreu neste dia no ano passado. Eu só queria que soubesse que estive pensando em você e orei por você. Orei para que Deus te abençoe hoje, quando as memórias de seu pai forem reavivadas em seu coração.”

O rapaz foi surpreendido. Foi mudado. Ele se sentiu confortado e encorajado, e se comprometeu a zelar e manter os outros em seu coração em longo prazo.

A primeira autodescrição de Deus é “o compassivo e misericordioso Deus” (Êx 34.6). Isso significa que tanto a nossa dor quanto as nossas orações o tocam e ele nos tem em seu coração. Ele leva o nosso fardo sobre si mesmo e se lembra de nós. Como imitamos o nosso Pai, nós queremos sentir a carga dos outros também. “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2).

Então, nós ligamos, enviamos e-mails, sondamos o sofrimento na igreja. Nós os guardamos em nosso coração e queremos que eles saibam disso.

Diga alguma coisa. Faça alguma coisa. Lembre-se. Essa é a base de tudo.

O que não dizer

No entanto, ligar para falar alguma coisa não significa que tudo o que dizemos é bom e útil. É importante saber o que não dizer. Às vezes, somos tentados a responder ao sofrimento de alguém com expressões banais e impensadas. Aqui estão três infrações.

1) Não diga: “Poderia ser pior”.

Acredite se quiser, essa é apenas a primeira metade de um comentário ridículo, por exemplo: “Poderia ser pior – imagine se você quebrasse as duas pernas”.

Nós temos algumas maneiras estranhas de animar os outros.

O comentário está correto – tudo poderia ser pior. Nós sofremos e, então, além do sofrimento, temos que aturar um consolador que nos diz que poderia ser pior.

Tal comentário é totalmente imprudente. Deus nunca o diria ou o sancionaria. Deus não compara o nosso sofrimento atual com o de qualquer outra pessoa ou

com hipóteses piores. Nunca. Se um amigo nosso fizer esse tipo de comparação em seu próprio sofrimento, ele não nos dá o direito de concordar e comparar também. Em vez disso, use essa oportunidade para alertá-lo.

“Sim, o seu sofrimento pode não parecer tão grave como _____, mas Deus não compara as suas dores com a de outros.”

Se fizermos essas comparações, podemos ficar tentados a não falar do sofrimento de nossos corações ao Senhor, porque julgamos que seria lamentar-se, o que certamente não é.

Então mesmo que as coisas possam ser piores, nunca é apropriado dizê-lo para os outros ou deixar que eles digam sobre sua própria situação. Deus não menospreza as nossas dificuldades, e nós também não devemos desprezá-las.

2) Não diga: “O que Deus está lhe ensinando com isso?” ou, “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”.

Esses dizeres são bíblicos no sentido de que Deus nos ensina durante nosso sofrimento, e ele opera em todas as coisas para o bem dos que o amam (Rm 8.28). Concordamos com C.S. Lewis quando ele escreve que a dor é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo. Mas esse tipo de comentário tem ferido muitas pessoas; vamos combinar que nunca vamos tecê-los.

Examine alguns dos possíveis problemas com este e outros usos indevidos e inoportunos de passagens bíblicas:

- Tais respostas bloqueiam a compaixão. Você se compadecerá de alguém que esteja “aprendendo uma lição?” Provavelmente não.
- Tais respostas tendem a ser prepotentes, como em: “Eu quero só ver quando você finalmente vai aprender.”

- Essas respostas sugerem que o sofrimento é um enigma solucionável. Deus tem algo específico em mente, e nós temos que adivinhar o que é. Bem-vindo a um jogo de perguntas, e é melhor obter a resposta certa logo; caso contrário, o sofrimento vai continuar.
- Essas respostas sugerem que fizemos algo para desencadear o sofrimento.
- Tais respostas minam o chamado de Deus a todas as pessoas que sofrem: “Confie em mim.”

Em nossas tentativas de ajudar, é possível que interpretemos o sofrimento como maior do que realmente é. Nós procuramos pistas que mostrem quais são as intenções de Deus, como se a tribulação fosse uma caça ao tesouro. Chegue ao final com as respostas certas, e Deus vai tirar a dor. Entretanto, a busca por respostas é um erro desde o princípio e acabará mal. O sofrimento não é uma questão intelectual que precisa de resolução; é altamente pessoal: Posso confiar nele? Será que ele ouve? Na verdade, é uma questão relacional, e é tempo de falar honestamente com o Senhor e lembrar que a revelação mais completa que ele dá de si mesmo é através de Jesus Cristo, o servo sofredor. Somente olhando para Jesus é que podemos saber que o amor de Deus e nosso sofrimento podem coexistir.

3) Não diga: “Se você precisar de alguma coisa, por favor me ligue, a qualquer hora”.

Essa já é um pouco melhor; não é exatamente um clichê. No entanto, esse comentário comum e bondoso revela que nós não conhecemos bem a pessoa. Quem sofre, geralmente, não sabe o que quer ou precisa e não vai ligar. A frase é o equivalente a “Eu já disse algo bom, agora até mais ver”. Ela não demonstra verdadeira consideração às necessidades e circunstâncias daquela pessoa, que percebe isso.

Em vez disso, poderíamos perguntar: “O que posso fazer para ajudar?”

Ou (melhor), poderíamos avaliar o que precisa ser feito e fazê-lo.

Amigos sábios compram mais comida para o cachorro, lavam a louça, levam uma refeição, aparam a grama, cuidam das crianças, limpam a casa, dão uma carona até a reunião do pequeno grupo, enviam um recadinho de encorajamento e depois outro e mais outro, ajudam a organizar contas, e assim por diante.

Quaisquer atos de amor e serviço tornam a vida mais fácil para a pessoa que sofre. E uma refeição nunca é apenas uma refeição; uma faxina nunca é somente uma mera economia de tempo para quem recebe. Esses atos dizem a quem sofre: “Eu me lembro de você”, “Eu penso em você com frequência”, “Você não está esquecido”, “Você mora no meu coração”, “Eu te amo”. O tempo que dedicamos ao planejamento de estratégias criativas é a energia por trás de tais atos. É o amor inconfundível que imita o planejamento estratégico da missão de resgate do Trino Deus. Ele planejou e agiu antes mesmo de conhecermos as nossas necessidades reais.

A singularidade das nossas tentativas desajeitadas e, às vezes, dolorosas para ajudar é esta: temos ideias claras do que tem nos ajudado em nosso sofrimento, mas não as adotamos quando buscamos amar os outros. Nem sempre falamos com os outros da maneira como gostaríamos de que falassem conosco.

Proceda com humildade e cuidado

A compaixão proporciona certa proteção contra palavras tolas. Quando amamos os outros, depois de termos entrado em suas vidas, e de termos ficado comovidos e entristecidos, se abre uma boa oportunidade para oferecermos palavras ou ações de incentivo. Mas proceda com cuidado. Os consoladores de Jó doaram-lhe o seu tempo e pareciam se importar com ele. Eles estavam tocados por seus problemas, mas ainda assim disseram coisas erradas e inúteis, e até mesmo coisas corretas e inúteis.

Com isso em mente, quando estamos na presença daqueles que estão sofrendo, caminhamos humildemente com eles diante de Deus. A Escritura nos dá diversos olhares sobre a aflição humana, mas nenhum é detalhado. O mistério do sofrimento nos lembra de que ainda somos como crianças que não compreendem totalmente os caminhos do Pai.

A humildade pergunta: “O que posso fazer hoje que iria ajudá-lo?” Depois, ela pode fazer algumas sugestões para que a pessoa não hesite ou duvide da sua intenção. (Posso cuidar das crianças hoje? Você precisa de uma carona até a clínica? Tem planos para o jantar?) Se a pessoa recusar, aceite, mas não termine a conversa sem oferecer oração. Pergunte o assunto e ore ali mesmo, ou então, ore mais tarde e dê seguimento da próxima vez que a vir. Isso é compaixão.

Nossa teologia molda a nossa compaixão

Proferimos comentários tolos ou inúteis, porque nem sempre praticamos o amor de todo o coração, e também porque não compreendemos os ensinamentos bíblicos sobre os momentos de tribulação. Nossas crenças podem facilitar a compaixão ou servir de impedimento para ela. Aqui estão algumas crenças comuns, porém erradas:

- Sofrimento “de baixo grau” é comum; você apenas tem que lidar com ele. Já o sofrimento “forte” significa que você fez, ou tem feito, algo muito errado, e Deus está descontente.
- Todos nós temos dificuldades, mas o nosso bom Pai nos dará a capacidade de suportá-las, o que significa que não parecerão tão ruins assim.
- Todos nós temos dificuldades. Os cristãos têm um pouco menos que seus semelhantes pagãos.
- Nós podemos louvar até que passe.
- Pense naqueles em pior situação que você e seja grato.

Cada uma dessas crenças produz palavras bem intencionadas, mas nocivas, porque não entendemos a essência verdadeira das tribulações. É muito importante compreendermos a história do sofrimento corretamente.

Esta é uma maneira de contar a história. O sofrimento nos lembra de que o mundo e tudo o que nele há, inclusive nós, não estão muito bem. Nada estará bem até que Jesus volte e sua vontade seja feita na terra como já é feita no céu. Assim, somos pessoas de esperança. Olhamos para frente, mas também sabemos que a encarnação de Jesus mudou tudo, mesmo agora.

No Antigo Testamento, o sofrimento e os problemas costumavam ser resultado de negligência do povo em relação ao Senhor. Havia exceções, como Jó, que passou pela pior das desgraças, mesmo sendo o melhor dos homens, e nisso, ele apontava para Cristo. Mas, em geral, os problemas eram o resultado do pecado das pessoas e, por isso, é possível entender por que muitas vezes pensamos que as pessoas boas são pessoas sem problemas e as más não o são.

Então, o perfeito Filho de Deus sofreu conosco e por nós e, com sua ressurreição, que foi a aprovação do Pai da vida e da morte do Filho, a nossa compreensão de sofrimento foi alterada para sempre. O sofrimento é parte do plano do Pai. Para os seguidores de Jesus, esperamos experimentar as dificuldades que são comuns a toda humanidade – acidentes, crises de saúde, dores de relacionamentos desfeitos – e esperamos até um pouco mais, pois seguimos o servo sofredor. Agora, todas as nossas dificuldades são maneiras de participarmos das dores de Cristo. Ele sofreu com o mundo; nós sofremos com isso. Nossa resistência em dificuldades mostra a nossa solidariedade com ele.

Realmente, o Pai nos faz crescer através das tribulações. Notamos a sabedoria daqueles que têm resistido em meio a provas e ficamos chocados com a imaturidade de quem tenta afastar o sofrimento através de drogas, álcool, pornografia ou alguma outra tática autocalmante. Mas nós não ligamos determinado pecado a uma determinada dificuldade. O próprio Jesus amadureceu sob dificuldades; nós também amadureceremos.

Quando sofremos, nossos corações ficam expostos. Podemos ver onde colocamos a nossa confiança: em pessoas, dinheiro, prazer e poder – ou em Deus. Mas isso é uma vantagem do sofrimento, não necessariamente a causa. Somos testados diariamente por problemas e dificuldades, como filhos reais sempre são, e esperamos que essas provas aumentem a fé, em vez de matá-la.

A prova mais difícil de quebrar é a crença de que o Pai quer tornar a nossa vida mais fácil, e que está ansioso para nos proteger das coisas árduas da vida. Esse, evidentemente, não é o caso. Quando compreendemos corretamente a história de

Deus, nosso sofrimento confirma que pertencemos a ele; isso não significa que ele está distante e indiferente. A tribulação é um momento em que ele mais nitidamente trabalha, e nossa tarefa espiritual é buscá-lo, em vez de tentar administrar nosso mundo do nosso próprio jeito. A persistência durante o sofrimento não prende a nossa atenção, mas é uma reação tão importante que seu valor durará para além da morte.

Enquanto isso, olhamos à frente para o tempo em que tudo será retificado. Cristo retornará, o pecado será derrotado, a morte e tudo ligado a ela não existirão mais. Vamos experimentar a ressurreição corporal e viveremos em paz com o Trino Deus e com o seu povo.

Uma vez que existem tantas outras maneiras de contar a história do sofrimento, nós praticamos a correta, lemos as várias passagens da Escritura e ouvimos os relatos de pessoas sábias. Na medida que crescemos em compaixão, precisamos desta história para que ela seja traduzida em palavras. Quanto melhor entendermos isso, melhor será a nossa ajuda e mais profunda será a nossa compaixão por aqueles em dificuldades.

Discussão e resposta

1) Quando você testemunhou compaixão?

2) Qual é a sua crescente lista do que fazer ou não fazer com aqueles que estão s

3) Como você conta a história do sofrimento da Escritura?

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Orem em meio às dificuldades

Estejam alertas aos intentos de Satanás Preparem-se para falar sobre pecado Aju

Orem em meio às dificuldades

Aproximamo-nos daqueles que estão sofrendo e verbalizamos a compaixão:

“Quero que saiba que você tem estado em meu coração.”

“Eu estive tão triste com o que aconteceu.”

“Eu penso em você diversas vezes. Como você está? Isso tem sido um fardo muito, muito pesado.”

“Pode não parecer muito, mas estou com você nisso. Eu sinto o peso e tenho orado para que o Senhor te conforte.”

Tempo de orar

Em seguida, retornamos a este terreno familiar: Deus está no centro de nosso turbilhão de emoções, e a coisa mais humana que podemos fazer é falar com ele. Agora, nós trazemos essa prática para a vida conturbada de um amigo. A nossa melhor pergunta será esta: “Como eu posso orar por você?” ou simplesmente, “Vamos orar agora”.

Com essa simples sugestão, é como se o universo se abrisse diante de nós. Uma conversa bidimensional – entre você e outra pessoa – torna-se tridimensional. Chegamos ao lado de quem sofre e unimos Deus e o sofrimento. Trazemos luz

para uma escuridão claustrofóbica, onde nosso amigo está sozinho e sem esperança. Lembramos-lhe de que Deus ouve. Revisitamos as promessas de Deus. E fazemos tudo isso demonstrando compaixão. Essa simples chamada para a oração é repleta de realidades espirituais.

Por ser tão repleta, é de se esperar que esse pedido às vezes seja estranho, difícil, ou impossível. Batalhas espirituais, antes escondidas, agora se fazem visíveis, o que significa que talvez teremos que orar para que possamos dizer: “Vamos orar agora”. Mas se estivermos acostumados a pedir oração, já conhecemos o poder espiritual.

Como orar

Uma vez que estamos dispostos a orar com alguém, como oramos é fácil. Oramos pelo que está no coração de um amigo – oramos pelo que é especialmente importante para ele. Nós sabemos como orar e também esperamos nos desenvolver em como orar.

Uma maneira de crescermos nisso reside em como nos relacionamos com o que está no coração de um amigo, usando assuntos e passagens adequadas da Escritura (cf. cap. 5). Sempre que pedirmos oração, e sempre que oramos, trabalhamos para harmonizar o que está em nosso coração com o que está no coração de Deus. Falaremos à frente sobre mais maneiras de fazer isso, à medida que consideramos as orações para cura, consolo e fé.

Oração de cura

A oração para a cura é o pedido mais frequente. Nós pedimos oração quando estamos doentes ou quando alguém que amamos está doente:

“Como vai?”

“Minha tia está doente.”

“Oh, o que ela tem?”

“Sua artrite está causando muita dor.”

“Vamos orar por ela agora.”

“Vamos.”

“Como devemos orar por ela?”

“Podemos orar para que sua artrite seja curada.”

Então você ora pela cura, o que é consistente com a forma como Deus nos ensina a orar (Tg 5.14).

Mas mesmo esse simples pedido de oração tem muito mais por trás. Você vê algo de bom. Essa sobrinha claramente ama sua tia, então, você deve perguntar mais sobre esse relacionamento, porque as coisas boas sempre solicitam mais atenção.

“Conte-me mais sobre sua tia. Você parece realmente se importar com ela.”

Então você pode perguntar se sua amiga vê ou conversa com a tia. Se assim for, você pode ir mais fundo. O que sua amiga diz à tia? Ela é cristã? Qual passagem da Bíblia sua amiga compartilhou? Qual passagem pode ser encorajadora?

E você sempre tem aquela forma mais poderosa de ajudar – perseverar na oração e acompanhar o que se passa com sua amiga.

“Como vai sua tia? Eu tenho orado por ela. A dor dela diminuiu?”

Faça isso uma ou duas vezes, e sua amiga será abençoada e vai notar o seu amor e em breve estará lhe pedindo para orar por coisas que podem ser mais difíceis de compartilhar. E tudo o que você fez até então foi orar por sua tia. Deus usa meios comuns para fazer seu trabalho extraordinário.

Se a necessidade de oração para uma tia for a coisa mais íntima que sua amiga compartilhou até ali, você passa para “E como você está?”

As pessoas também querem orar pela cura de si mesmas. Mais uma vez, é comum passarmos das circunstâncias (a doença em si) para coisas que são mais profundas ou espirituais (“Quem é Jesus?” e “Como o buscamos?”). Uma enfermidade é sempre uma questão espiritual, no sentido de que levanta indagações sobre o cuidado e a bondade de Deus, e é uma oportunidade para crescer em confiança e obediência. Repare como o apóstolo Paulo escreve sobre o sofrimento físico:

[...] mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. (2Co 4.16-18)

Paulo passa de suas dificuldades físicas – o exterior se corrompendo – para fatos mais profundos e espirituais.

Assim, ao conversarmos com alguém sobre em que focar a nossa oração, podemos também fazer perguntas como estas:

“Como está a sua fé em meio a isso tudo? Eu sei que a doença sempre revela lutas de fé para mim. Ela me mostra que minha fé em Jesus é mais instável do

que eu pensava.”

“O apóstolo Paulo diz que nossos problemas são superados pela glória que está por vir. É isso que eu rogarei – que a glória futura compense a dor que você está sentindo agora.”

Estamos ansiosos para orar pelo que nos pedirem, mas também esperamos que a Escritura tome esses pedidos e molde-os ainda mais.

Oração por consolo

Assim como por cura, a oração por consolação é comum. A oração buscando o conforto de Deus estende-se a todos os tipos de sofrimento. Honramos ao Pai quando conhecemos seu consolo. Isso mostra que ele é grande, e que temos prazer em orar por ele.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus (2Co 1.3-4).

Oramos por consolo, e, depois de o obtermos, podemos transmiti-lo para outra pessoa em momentos de dificuldade.

Quando oramos para que alguém seja consolado, fazemos orações específicas sempre que possível. “Por favor, Senhor, console a Maria” é aceitável, mas que tipo de conforto Maria precisa? Quando possível, perguntamos a ela o que espera receber do Senhor.

Consolo pode significar simplesmente que a tempestade de sofrimento diminua, ou que o sofrimento seja cada vez mais superado pelo conhecimento de Cristo e do que temos nele (2Co 4.16) – ou ambas as coisas.

Nós oramos e depois fazemos o acompanhamento, perguntando se o nosso amigo foi consolado. Se o conforto demora a vir, nós oramos especialmente para que os benefícios espirituais superem as dificuldades. O maior desses confortos, claro, é que por causa da morte e ressurreição de Jesus, nosso Deus nunca nos deixará ou nos abandonará. Apenas os nossos pecados poderiam nos separar de Deus e eles foram pagos de uma vez por todas em Jesus. Este é o melhor consolo.

Quando a consolação chega, o Senhor abençoou duas pessoas – aquele que orou e aquele que foi consolado. Juntos, eles testemunharam o amor de Deus e o poder do Espírito. É assim que Deus constrói sua igreja.

Oração por fé

Muitas vezes, a oração por conforto funde-se com a oração por fé. Ou seja, o consolo nos leva de volta às promessas e à presença de Deus, que conhecemos através da fé. Nosso amigo pode não nos pedir para orar por isso, mas a Escritura sempre nos conduz para as melhores coisas.

Quando oramos por fé, rogamos para que sejamos capazes de enxergar claramente e confiar mais plenamente. Sem essa visão, a perseverança é impossível.

“Senhor, por favor, dê ao meu amigo olhos para ver a realidade espiritual em seu sofrimento.”

Essa é uma forte oração por fé. Nela, consideramos duas maneiras de enxergar. Uma maneira é com o olho nu. Nós abrimos nossos olhos pela manhã e vemos

caos, tempestades em formação, entes queridos em apuros e pecados abundando em um mundo que parece estar ficando pior. A outra maneira de enxergar é com os olhos da fé. Nós os abrimos e vemos além do que os nossos sentidos detectam, vemos o amor de Deus – pois por qual outro motivo Jesus morreria por nós quando agíamos como seus inimigos (Rm 5.10)? Enxergamos que o sofrimento não é a última palavra, mas a esperança é. Enxergamos que Deus tem propósitos nas dificuldades, e que o maior deles é que confiemos nele, em vez de sermos amigos superficiais que somente confiam quando possuem o que desejam.

Quando oramos por fé, a nossa esperança é que essa pessoa veja através das circunstâncias imediatas e enxergue as verdades espirituais: Deus nos resgatou, nos incluiu na linha do servo sofredor, perdoou os nossos pecados, está tão perto que habita em nós e nos dará o poder de acreditar, esperar e até mesmo amar em meio às dificuldades.

A fé enxerga além do pântano dos nossos sofrimentos atuais. Ela vê que o sofrimento tem um propósito.

(...) nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança (Rm 5.3-4).

A fé vê que somos pessoas em movimento, em uma jornada, lideradas pelo Espírito.

(...) desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta (...) (Hb 12.1).

Ao enfrentar problemas, nem sempre as pessoas pedem oração para fortalecer a fé, mas um ajudador sabe que essa prece as abençoará.

“Eu sei que às vezes as dificuldades podem minar nossa confiança em Jesus. Como você está?”

“Como você tem estado espiritualmente durante tudo isso?”

“Vou orar para que você receba consolo e também para que o Espírito lhe dê olhos para enxergar Cristo e o que ele lhe dá. Você tem ideia do que especificamente eu poderia pedir que o Espírito Santo lhe dê?” Embora essas sejam coisas comuns de pedir, tais orações levarão a questões que são tratadas muito raramente. Muitos de nós nunca fomos além do casual “Como está a escola?”, “Como vai o trabalho?”. O movimento em direção a coisas que são explicitamente espirituais pode ser semelhante a uma grande sacudida e pode parecer arriscado ou indelicado. Mas precisamos disso em nosso próprio sofrimento, e outros precisam no deles. Conhecemos as nossas necessidades mais profundas e alcançar qualquer coisa menos do que isso é desafeto. Quando oramos por fé, estamos orando pelo que é mais importante.

Ore por tudo

Nós oramos por tudo o que está no coração de alguém: um emprego, uma dívida, o desempenho escolar de uma criança, um namoro, e assim por diante. Oramos por tudo. E, se não podemos ver imediatamente como a Escritura amplia e reformula a petição, nós simplesmente oramos pelo que a pessoa pediu.

Mas também nos lembramos que somos filhos e nem sempre sabemos do que precisamos. Quando falamos com nosso Pai, sabemos que ele ouve e acreditamos que vai fazer mais do que imaginamos. Ele não é limitado pelo nosso pedido específico, mas responde de uma maneira que é ainda melhor. Da mesma forma, buscamos nas Escrituras formas de aprofundar e embelezar as nossas orações diárias.

Quando observamos as orações das Escrituras e as maneiras como podemos orar uns pelos outros, a lista inclui a oração por sabedoria (Tg 1.5), unidade (Jo 17.29-31), companheirismo e encorajamento (1Ts 3.10), amor e discernimento (Fp 1.9-10), conhecimento da vontade de Deus (Cl 1.9), perseverança (Cl 1.11), fé que não desfalece (Lc 22.32), frutificação (Cl 1.10), frutos do Espírito (Gl 5.22-23.), armadura de Deus (Ef 6.10). Qualquer um desses assuntos pode ser uma extensão apropriada para as nossas petições diárias.

E faça o acompanhamento

Independentemente do motivo pelo qual oramos, ficamos entusiasmados para saber como Deus está trabalhando, então, nós fazemos o acompanhamento.

Um casal pediu oração durante uma reunião com seu pequeno grupo. Em poucos dias, eles iam visitar seu filho adulto, que não viam há mais de um ano. Embora tivesse rejeitado Jesus, o que ele sabia ser um fardo para seus pais, as conversas telefônicas haviam corrido bem, e ele parecia ansioso pela visita. Os pais pediram ao grupo que orasse por conversas que fossem encorajadoras para seu filho e que ajudassem a desenvolver o relacionamento.

Esse foi um pedido que exigia habilidade. Como resultado, o grupo tanto aprendeu sobre como orar, como se sentiu honrado por ser incluído nas preocupações mais profundas dos pais. Era um privilégio orar.

Porém, ninguém deu seguimento e perguntou sobre a visita.

Os pais, sim, deram uma atualização. Na próxima reunião do pequeno grupo, eles contaram detalhes sobre o dia, o que inspirou os membros a continuar orando pelo filho e também demonstraram ao grupo que orar por alguém inclui identificar o que o Espírito fez depois dessas orações. Você pode ter certeza de que nos próximos meses haverá uma enxurrada de acompanhamentos pastorais nesse grupo. “Oramos juntos por _____. Como foi?”

Quantas vezes oramos por alguém e em seguida apenas o riscamos da nossa lista de afazeres? Como resultado, deixamos escapar o que o Espírito tem feito. Nós perdemos a oportunidade tanto de persistir em oração quanto de dar graças.

Em uma era de mídia social e de notícias vinte e quatro horas por dia, somos constantemente confrontados com as enormes necessidades humanas, e podemos ficar sobrecarregados com a quantidade de pessoas por quem precisamos orar. Fazer o acompanhamento com todas elas seria impossível. Como forma de priorizar as necessidades, é melhor que nos concentremos nas pessoas que encontramos pessoalmente, aquelas com quem podemos orar juntos. Comece com uma pessoa, depois duas, talvez três. O crescimento avança em pequenos passos.

Ore e acompanhe.

Ore e acompanhe.

Ore e acompanhe.

Discussão e resposta

1)Você já orou com alguém em necessidade?

2)Como você pode dar sequência a um assunto com alguém hoje?

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Estejam alertas aos intentos de Satanás

Preparem-se para falar sobre pecado Ajudem seus companheiros pecadores Mar

Estejam alertas aos intentos de Satanás

Quando o sofrimento bate à porta de alguém, Satanás também vem bater. A vida é uma zona de guerra, e ele é o inimigo estrategista, que espera por aqueles momentos em que as pessoas estão no deserto – vulneráveis, desesperadas, e Deus parece muito longe ou completamente ausente. É aí que seus questionamentos sobre o caráter de Deus, que podem parecer bobagem durante os tempos de bonança, de repente, fazem sentido. Por que alguém se ocuparia com as questões de Satanás sobre a bondade de Deus quando tudo está bem? Mas bastam alguns solavancos na estrada, e o nosso conhecimento sobre Deus parece se fragilizar, e o inimigo conta com isso.

Portanto, devemos considerar como as investidas de Satanás afetam a forma como ajudamos uns aos outros. Embora seu poder para nos escravizar tenha sido quebrado pela ressurreição de Cristo, ele ainda tem o poder de nos seduzir, acusar e confundir. Precisamos ser capazes de reconhecê-lo e saber o que fazer.

Quatro jardins

Podemos nos tornar atentos à influência de Satanás (e como reagir a ela), caminhando através de quatro jardins retratados nas Escrituras: o Éden, o jardim destituído do deserto, o Getsêmani, e o jardim da ressurreição. Esses quatro lugares eram locais de batalha, e eles nos alertam para as táticas de Satanás.

Éden

O Éden foi uma espécie de campo de provas para a humanidade. Deus testa o seu povo, que é o que os reis fazem com seus filhos. Caso contrário, eles nunca amadurecem em suas responsabilidades reais. Deus basicamente disse: “Você pode comer aqui, mas não ali.” A tarefa do homem era ouvir suas palavras, acreditar nele e ser fiel. No entanto, onde Deus prova os seus filhos, Satanás os tenta (Gn 3.1-5).

“Deus não é tão bom. Como poderia um bom pai proibir que comessem de uma árvore tão bonita?”

“Você e seus desejos são bons. Siga seus sentimentos. O que você quer é bom. Por que Deus iria criá-lo com esses desejos e então impedi-lo de satisfazê-los?”

“A vida distante de Deus vai abençoá-lo. Liberdade significa menos restrições.”

Existe mais uma característica das estratégias de Satanás que segue essas tentações iniciais. Uma vez que mordemos sua isca, ele nos condena: “Você é tão mau; Deus nunca vai te amar, nem te perdoar.”

Lá está ele em toda a sua antiglória, Satanás, o acusador. Ele nos confunde. Ele promete liberdade e entrega escravidão.

O homem e a mulher estavam passeando, cuidando de suas próprias vidas, quando ouviram alguns comentários e questionamentos do intruso e, de repente, a árvore parecia boa. Sua lógica virou de cabeça para baixo, mas parecia fazer perfeito sentido – eles chegaram a pensar que tinham visto a luz. E isso aconteceu antes que as dificuldades da vida pudessem torná-los (e a nós) ainda mais vulneráveis.

Já que hoje em dia essas estratégias malignas permanecem em vigor, nos

empenhamos contra variações dessas velhas táticas. Lembrar o que aconteceu no Éden nos ajudará a estar alertas para como alguém que sofre está sendo tentado ou acusado por Satanás, o que nos leva ao próximo jardim.

Jesus no deserto

Ao chegarmos ao Novo Testamento, as tentações de Satanás já estavam sendo esquecidas. Por que se preocupar com elas quando todo mundo já sabe o resultado? Satanás vence, as pessoas se afastam do Senhor, e Deus persevera com seus filhos fiéis e reafirma sua promessa de que haverá um futuro e libertação.

Mas então, Jesus, o segundo Adão, saiu para um deserto mortal, que é um jardim amaldiçoado. Ele estava nos mostrando como combater os planos e métodos de Satanás. Onde todos haviam falhado, um novo campeão aceitou o desafio e se comprometeu a mudar a história.

E logo o Espírito o impeliu para o deserto, onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam (Mc 1.12-13; cp. Mt 4.1-11; Lc 4.1-13).

Jesus, então, fez o que ninguém mais tinha feito: ele confiou nas palavras de Deus e rejeitou as mentiras de Satanás, mesmo quando isso significou mais sofrimento e até mesmo a morte. As estratégias de Satanás foram variações de suas antigas artimanhas. Ele apelou aos sentidos de Jesus – seus desejos – e sugeriu que Deus Pai era quem precisava ser testado.

Embora tenha ficado 40 dias sem comida, Jesus nunca vacilou. Ele sabia exatamente como o sofrimento funciona. O sofrimento exala o velho cheiro de rebelião. Sempre que Satanás sente seu odor, ele vem para trazer encrenca e rodear até que o corpo esteja morto, para que possa reclamá-lo para si.

Jesus estava preparado e armado. Ele conhecia a Escritura.

Agora, uma vez que temos o Espírito, a Palavra e a oração, podemos ter esperança e permanecer firmes contra Satanás, ao atravessarmos os nossos desertos diários.

Getsêmani

O próximo jardim é um bosque de oliveiras onde Jesus foi com três de seus discípulos na noite em que foi preso.

Então, foram a um lugar chamado Getsêmani; ali chegados, disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar. E, levando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia. E lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai. E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora. E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres. Voltando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca (Mc 14.32-38).

A batalha espiritual atingiu o seu apogeu neste jardim. O Filho de Deus estava aparentemente vulnerável. Enquanto só podemos presumir a dor física de Jesus no deserto, no Getsêmani não resta dúvidas. Ali está o mais intenso sofrimento registrado nas Escrituras.

O sofrimento, sabemos agora, é suficiente para chamar Satanás. Jesus certamente sabia disso, e é por isso que alertou seus discípulos, “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”.

O contra-ataque de Jesus? Ele orou. A Bíblia e a oração são as nossas principais

armas para batalhar.

Ele também tentou guiar os discípulos para a batalha, e lhes dissera que Pedro iria negá-lo e que os outros discípulos cairiam. A oração, em tais circunstâncias, é mais importante do que o sono.

Um homem mergulhado até o pescoço em aflições disse, “Sei que Deus diz que não nos dará mais do que podemos aguentar, mas acho que ele tem me dado mais do que posso suportar”. Com o Getsêmani em mente, devemos ouvir: “Alerta, alerta!” Somos imediatamente impulsionados para nos reunir ao redor dele e orar. Orar para que ele saiba que seu Pai está com ele, assim como esteve com Jesus. Orar para ele seja capaz de se levantar contra Satanás e suas artimanhas. Orar por mais do Espírito (Lc 11.13).

O Getsêmani ajuda-nos a saber o que fazer quando vemos uma batalha espiritual assolando o coração de alguém.

O jardim da ressurreição

O Evangelho de João identifica mais um jardim. O episódio é recheado de alusões ao Éden e seu verdadeiro jardineiro, ao retratar uma conversa entre Maria e Jesus ressuscitado.

Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! (...) (Jo 20.15-16)

O verdadeiro homem – a imagem de Deus – ficou firme perante as tentações, trabalhou nesse jardim e convidou outras pessoas para testemunhar a arma final contra os intentos de Satanás. A peça central desse jardim é uma tumba que está vazia.

A ressurreição é a prova de que Jesus era realmente o Filho de Deus, e todas as promessas do Pai estão agora asseguradas nele. Sua aparição nesse jardim mostra que Satanás foi derrotado. Sim, seguimos a Cristo na aflição, mas o sofrimento não tem a palavra final. A ressurreição de Jesus abre o caminho para a nossa própria ressurreição e não há nada que Satanás possa fazer para detê-la.

Todavia, nem tudo está bem. Nós recebemos poder e proteção, mas Satanás está mais furioso do que nunca (Ap 12). Por esse motivo, a nossa vigilância, especialmente durante as tribulações, é ainda mais necessária do que a dos discípulos. Durante o sofrimento não é hora de dormir. É momento para identificar as estratégias de Satanás e orar.

Nossas estratégias contra as estratégias de Satanás

Satanás ainda está à espreita, esperando por dificuldades em nossa vida que possam nos deixar vulneráveis às suas mentiras. A Bíblia, a oração e a certeza de que nós também conheceremos a ressurreição com Cristo, são a nossa proteção principal, então isso é o que usamos. Seguem alguns exemplos do que você pode dizer.

“Como eu posso orar por você?” Essa pergunta nos lembra de verdades espirituais e a oração sempre será uma forma essencial para se posicionar firmemente.

“Você tem alguma dúvida sobre Deus, ou alguma pergunta a fazer para ele?”

“Satanás espera por momentos de desespero. Ele está conseguindo atingi-lo de alguma forma? Ou talvez esteja infiltrando mentiras sem que você perceba?”

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo’ (1Pe 5.8-9). Você já percebeu o inimigo?”

“Ao orar por você, eu percebi que Satanás é um inimigo muito feroz. Vou orar por consolo e cura para você, e também para que estejamos atentos às mentiras dele sobre Deus e sobre você.”

“Satanás tentará piorar sua dor, ao sugerir que Deus não te ama. Deixe-me orar para que o Espírito te abençoe com o poder de conhecer o amor de Deus (cf. Ef 3.16-19). E precisamos de outras dez pessoas para orarem pela mesma coisa.”

“O desespero costuma ser todo marcado com as impressões digitais de Satanás. Podemos guerrear com uma passagem tal como essa:

‘(...) não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. (2Co 4.16-18)’.”

“Essa dor o faz pensar que você deve ser culpado de alguma coisa, e que você precisa resolvê-la? Esse é o tipo de coisa que Satanás faz.”

“Você fica zangado com Deus? Satanás vai tentar acusá-lo, mas ele também usará isso como uma ocasião para acusar a Deus.”

“Isso é tão difícil, e Satanás é um adversário tão persistente. Como podemos orar?”

“Você está certo de que tem o perdão dos pecados em Jesus? Satanás vai sugerir que tudo isso é culpa sua.”

O apóstolo Paulo manteve essa batalha focada especialmente no perdão dos pecados. Veja, a partir dessas observações acima, que Satanás progride de tentações a acusações. Armado com essa estratégia, ele examina a igreja buscando ocasiões em que os santos sentem como se Deus estivesse longe. Nesses momentos, ele aplica seus truques, afirmando que não somos perdoados, todavia cremos que “(...) Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2Co 2.11). E nós precisamos de ajuda nessa batalha.

Discussão e resposta

1) Você conhece pessoas que estão nessa batalha espiritual agora? Como você po

2) Leia Efésios 6.10-18. É o resumo mais conhecido da nossa batalha espiritual.

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Preparem-se para falar sobre pecado

Ajudem seus companheiros pecadores Mantenham a história em vista

Preparem-se para falar sobre pecado

Em seguida, preparem-se para conversar sobre pecado, o que tende a ser a última coisa que queremos fazer. Quem quer falar sobre pecado entre amigos? O sofrimento, sim. É fácil até mesmo nos imaginar destacando as ações perniciosas de Satanás quando alguém está sofrendo. Mas falar sobre pecado? Parece tão arriscado, tão crítico. Quando a transgressão de alguém se torna aparente, preferimos ficar calados e julgar secretamente a discorrer sobre o fato. Adotamos uma política de não perguntar nem comentar, o que evita conflitos e também nos protege de sermos, nós mesmos, acusados de pecado.

É complicado abordar o pecado. Como podemos conversar sobre esse assunto? A cultura da igreja, inadvertidamente, comunica que os pregadores podem falar publicamente sobre esse tema, e um grupo de homens reunido para lidar com a pornografia pode falar sobre isso, mas, como regra geral, é indelicado e deselegante falar sobre o pecado de maneira individual.

Já mencionamos antes como o escritor de Hebreus nos mostra uma transição natural do sofrimento para o pecado (cf. Hb 12.1-2). Ele apenas presume que os seres humanos normais têm pecados que os assediam e que durante as dificuldades isso é ainda mais aparente. Ele não aponta o dedo. Ele apenas faz uma simples observação.

Mas ainda é difícil.

Este capítulo vai considerar por que falamos de pecado e como abordar essas conversas. No próximo capítulo, seremos mais específicos sobre o que dizer.

Por que se importar?

O sofrimento e o pecado representam o somatório das lutas humanas. Isto significa que precisamos uns dos outros em nossas batalhas com o sofrimento e em nossas lutas contra o pecado e a tentação. As palavras finais de Tiago foram exatamente sobre estas questões:

(...) se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabeis que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados (Tg 5.19-20).

“Salvará da morte a alma dele” e, muito provavelmente, evitará uma futura avalanche de pecados – ninguém usa esse tipo de linguagem com o sofrimento. O sofrimento dói mais, mas o pecado é mais sério. O sofrimento não perdura, mas o pecado tem consequências que se estendem por toda a eternidade.

Em outras palavras, quando fazemos do pecado um assunto intocável, colocando-o fora dos limites de conversações, não podemos nos defender com a premissa de que somos pessoas educadas que simplesmente evitam se intrometer. Pelo contrário, somos como fariseus que, durante um passeio, evitam contato visual com alguém que está morrendo bem ao nosso lado. Estamos negligenciando questões de vida e morte.

Mas ainda é difícil. Dietrich Bonhoeffer disse muito bem:

A comunidade religiosa não permite que alguém seja um pecador. Então, todos devem ocultar o seu pecado de si mesmo e da comunhão. Não nos atrevemos a ser pecadores... O fato é que somos todos pecadores!⁸

Se ignorarmos os pecados de nossos irmãos e irmãs, pecamos contra eles e devemos pedir que nos perdoem. Precisamos nos mover em direção aos companheiros pecadores. Afinal de contas, somos uma família, e conhecemos a

perigosa natureza de uma vida separada de Deus.

Examine-se primeiro

Para estarmos preparados para falar com as pessoas sobre pecado, precisamos crescer em humildade e paciência. Vamos começar com humildade.

Humildade

Humildade significa que já enxergamos as nossas faltas como piores do que as faltas dos outros, então não temos razão para nos defender quando alguém aponta o nosso pecado (cp. Mt 7.2-5). Isso não significa que devemos assinalar nossos próprios pecados antes de falar sobre os de outros, mas significa que vivemos como os cobradores de impostos resgatados (cp. Lc 18.9-14), que não confiam em sua própria justiça, mas vivem por causa do perdão e da graça abundantes de Deus.

A humildade pode ser testada quando você fala sobre o erro de alguém. A pessoa confrontada pode dizer:

“E você é um santinho, não é mesmo?”

“Ah, como se você nunca tivesse feito isso?”

“Quem é você para falar comigo sobre essas coisas?”

Não há maneira de prevermos como alguém reagirá. A raiva e a atitude defensiva podem vir quando menos esperamos. Em resposta, a humildade não tem nada a defender:

“É engraçado você dizer que eu deveria olhar para mim mesmo primeiro. Eu tenho feito isso e vi que o meu próprio coração é bem mais feio do que eu pensava. E realmente estou aberto para ouvir sobre meus pecados. Nós podemos fazer isso agora. Depois, podemos voltar ao assunto sobre o qual eu estava falando antes. Estou tentando cuidar de você da forma como eu gostaria de ser cuidado.”

“Estou dizendo coisas erradas ou ofensivas?”

A humildade é surpreendentemente resistente diante da raiva. Ela inclui uma disposição de olharmos para os nossos próprios pecados, sem desviar a nossa preocupação pelos demais.

Paciência

A paciência é parceira da humildade. É um dos conhecidos frutos do Espírito (Gl 5.22), é uma característica central do amor (1Co 13.4) e, por isso, é essencial para que possamos ser úteis e prestativos. Isso significa que aquele com quem estamos dialogando é como nós – ele não responde perfeitamente, ele vai mudando devagar e ele precisa de um ajudante paciente.

Há momentos em que a paciência não é o melhor caminho. Às vezes, agimos imediatamente, porque alguém está em perigo físico. Se ouvimos falar de uma criança abusada ou uma esposa ameaçada, temos que fazer alguma coisa e o primeiro passo é obter a ajuda de toda a comunidade. No entanto, com maior frequência, o pecado é um perigo para o pecador mais do que é para outras pessoas e usar de paciência é o ideal.

“Estive pensando sobre a nossa conversa na semana passada. Eu sei que toquei em um assunto difícil e que não é fácil de enfrentar. Podemos conversar sobre isso?”

A paciência não pensa, “Se eu fosse ela, eu estaria me dedicando mais a este impasse”. A paciência está interessada na direção em que as pessoas estão focadas. Estão focadas em Jesus? É mais importante o direcionamento do que a velocidade de mudança das pessoas.

Uma maneira simples de controlar sua humildade e paciência é verificar a sua própria raiva e suas muitas variações, tais como pequenas frustrações. Quando a irritação está presente, a humildade e a paciência estão ausentes.

Enxergue o bem e o que é difícil primeiro

Realmente é arriscado falarmos com alguém sobre seus pecados. O que esperamos conseguir fazer é minimizar os riscos ao relacionamento através do amor e da sabedoria.

Como regra geral, é interessante primeiro enxergarmos o bem e as circunstâncias difíceis dos outros, antes de vermos o mal. Isso parece sábio e se encaixa no modelo das epístolas do apóstolo Paulo.

Enxergue o bem

Já discorremos sobre ver o bem (cap. 11, “Enxerguem o bem – apreciem uns aos outros”). Alguma vez você já apontou as facetas do caráter de Deus que você vê em alguém? Não é algo comum de fazermos, e, em se tratando de conversar com alguém sobre pecado, é ainda mais provável que essas palavras boas não sejam citadas.

Pode ser sábio adiar tocar no assunto sobre o erro até ter falado palavras que edificam (embora uma boa conversa sobre pecado certamente deva edificar). Essa é uma boa política para praticar com a família e com as demais pessoas com quem convivemos.

Mas seja cuidadoso. A maioria de nós não precisa de justificativas para o adiamento de uma conversa sobre ações pecaminosas. Às vezes, devemos falar logo sobre certa transgressão, em vez de procrastinar. Quando em dúvida, tenha em mente que o nosso objetivo é falar com respeito, em amor, e para edificar – sempre que falarmos.

Reconheça as circunstâncias difíceis

Se vemos uma amiga explodir e gritar com seus filhos, certamente testemunhamos seu pecado, mas podemos orientar a nossa abordagem de acordo com o que é difícil na vida dela.

“Você parece bem nervosa nesta manhã. Está tudo bem com você?”

Frequentemente os pais aplicam essa prática com seus filhos. Depois que uma criança tem um breve ataque de birra, você pode ouvir uma sábia mãe dizer: “Querida, eu vou lhe dar um lanchinho agora. Às vezes você fica com fome depois de brincar a tarde toda.”

A mãe não está ignorando o chilique – ela pode levantar a questão durante o lanche. O que se passou é que a mãe identificou as circunstâncias difíceis da vida e sabe que esses são momentos em que a criança está vulnerável.

Esta também é uma maneira de abordar um adulto que está bravo:

“Tudo bem? Você estava realmente irritado naquele dia. Creio que nunca o tinha visto daquele jeito.”

“Tudo bem?” e “Como vai você?” dão abertura para falar sobre situações e realidades de vida que podem ser especialmente complicadas ou pesadas. Eu me lembro de ver ações pecaminosas coincidirem com o aniversário da morte de um ente querido, um acidente vascular cerebral, um diagnóstico médico chocante e suspeitas de infidelidade do cônjuge.

Acreditamos que os nossos pecados podem ter circunstâncias atenuantes. Por exemplo, matar em legítima defesa não é o mesmo que um assassinato por vingança. Uma criança cansada seria mais beneficiada por um cochilo em vez de uma repreensão. O pecado pode ser provocado pelas coisas difíceis da vida e, como regra geral, reconhecemos essas circunstâncias antes de passarmos para o pecado em si.

Um de cada vez

Aqui está mais um princípio: nós não temos de falar sobre cada um dos pecados que testemunharmos ou suspeitarmos. Trate apenas de um.

O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões (Pv 10.12).

Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados (1Pe 4.8).

Essas passagens falam sobre cobrir pecados e são difíceis de interpretar. Elas, no mínimo, nos dizem que não temos de confrontar todos os erros. As tensões

aparecem por todo o corpo de Cristo, todos os dias. Indicar e afervorar cada um dos deslizes só vai aumentar essas tensões.

O Senhor não joga todos os nossos pecados em nosso rosto, e eles não ficarão expostos diante de nós pela eternidade. Quando cobrimos um pecado, participamos dessa característica única do evangelho. Ao invés de falar com o pecador, por vezes, é mais sábio somente descansar no Espírito e esperar que ele opere. Nesses momentos, podemos aprender mais sobre o bem na história de alguém e testemunhar como o amor é mais forte que o pecado.

“(...) sejais longânimos para com todos” (1Ts 5.14). Isso é inegociável. Humildade e paciência são essenciais para falar sobre pecado ou para cobrir o pecado.

Discussão e resposta

Esta é uma tarefa desafiadora e vale algumas perguntas extras.

1)Você já foi confrontado sobre o seu pecado de uma maneira edificante e prove

2)Você já foi confrontado sobre o seu pecado de uma maneira pouco edificante

3)Quando você pode cobrir em vez de confrontar um pecado?

4)Você está disposto a conversar com alguém sobre pecado?

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Ajudem seus companheiros pecadores

Mantenham a história em vista

Ajudem seus companheiros pecadores

Até aqui está tudo claro.

O pecado é o nosso problema mais perigoso.

O Espírito, a Palavra e a comunidade são as principais armas de Deus para combater o pecado.

Embora nos seja preferível adotar a política de “cada um cuida da sua vida” quando se trata de pecado, nós sabemos que Deus nos chamou para ajudar uns aos outros a enfrentar nossos erros.

Os seres humanos florescem quando lutam contra o pecado em vez de se render a ele. Ele “(...) nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele (...)” (Ef 1.4).

O ideal é tratar do tema de pecados em meio a amizades fiéis, onde dificuldades já foram compartilhadas e amigos têm orado entre si. Algumas ocasiões para falar sobre o pecado são:

- Quando alguém está enfrentando tentações.
- Quando vemos o pecado.
- Quando alguém revela e confessa um pecado.

Quando alguém está enfrentando tentações

Ser humano é sofrer tentações. Isso é certo. Sabemos também que a distância é muito pequena, basta um pequeno passo da tentação ao desejo e do desejo ao pecado. Alguns amigos que podem estar particularmente vulneráveis são:

- Aqueles que viajam muito e precisam dormir fora de casa.
- Aqueles que passam muito tempo sozinhos ou que não precisam dar satisfações a alguém.
- Aqueles que têm histórico de vícios.
- Aqueles que passam tempo sozinhos com o sexo oposto.
- Os estudantes universitários.
- Aqueles que estão namorando.
- Aqueles que são ou querem ser ricos (1Tm 6.9-10).

A essa lista podemos acrescentar todos os homens (e todas as mulheres (em relação à pornografia e às tentações sexuais ou aos desvios obsessivos). As tentações são comuns a todos nós. Devemos nos preocupar se não conseguirmos identificá-las; somos abençoados, se conseguirmos.

Nosso objetivo é revelar as tentações e evoluir em dizer não aos desejos constantes (cf. Tt 2.11-12). O apóstolo Paulo coloca desta forma:

Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar (1Co 10.13).

Como base para essas palavras de Paulo está a história de quando Israel deixou o Egito e estava viajando através do deserto. Com dificuldades e perigos por todos os lados, o povo estava mais suscetível à tentação de confiar em outras coisas. Sendo assim, poderíamos acrescentar à nossa lista de pessoas vulneráveis aquelas que estão passando por tribulações crônicas.

Muitos dos comportamentos que nomeamos como vícios têm seu início no deserto – tempos em que a vida parece muito dura. Viver é difícil, e nós preferimos evitar a dor. Quando Deus não está nos dando a libertação que queremos, procuramos alívio em ídolos. Nós bebemos, olhamos pornografia, comemos, fumamos, cheiramos, injetamos, tomamos pílulas, jogamos videogames, lemos livros de fantasia – tudo isso revela os nossos ídolos modernos.

“Quais tentações o perseguem?”

“Você pode orar por mim nesta próxima viagem de negócios? Que tal se eu ligar para você quando eu chegar ao meu quarto e nós orarmos juntos, um pelo outro?”

“Você tem passado por maus bocados durante um longo tempo, e, quanto mais o tempo passa, maior fica a tentação de tomar o assunto em nossas próprias mãos. Com 1Coríntios 10.13 em mente, como eu posso orar por aqueles momentos em que você enfrenta essas tentações?”

Essas são as perguntas que vamos fazer uns aos outros.

E, se pensarmos por um só momento que Deus está nos pedindo que sejamos estoicos rígidos que estão proibidos de tudo que seja divertido, então podemos ter a certeza de que nós perdemos uma ou duas rodadas na batalha espiritual. Não se esqueça de que toda a nossa ajuda deve soar bem. Pode não ser fácil manter a nossa fé e obediência perante a tentação, mas elas trazem maturidade e

satisfação à vida (cf. Tg 1.2-4).

Nosso Deus “(...) tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1Tm 6.17). Sendo assim, dizer não protege a nossa capacidade de prazer em vez de diminuí-la.

Quando vemos o pecado

Os pecados mais difíceis para se conversar são aqueles que vemos alguém cometer, mas não encontramos nenhuma deixa para falar. Aqui precisamos decidir se o pecado deve ser repreendido ou coberto.

Não se cale por medo

A maior parte das pessoas que testemunharam ou que suspeitavam de um pecado não se arrepende de levantar assuntos tão importantes (quando feito cuidadosamente), mas se arrepende de ficar calada.

A igreja ficou atordoada quando o líder dos homens e a líder das mulheres deixaram seus cônjuges, escreveram bilhetes de despedida para suas famílias e desapareceram juntos. Enquanto reorganizavam a igreja e os departamentos, mais de uma dúzia de membros disse: “Eu devia ter dito alguma coisa.” Eles haviam observado a forma como os dois líderes interagiam e como falavam sobre o outro, e lamentaram o seu silêncio.

Quando o pecado se torna público, especialmente quando é uma ofensa que danifica relacionamentos ou incorre em problemas legais, muitos pensam: “Eu devia ter dito alguma coisa.” Porém, levamos tempo para lembrar essas notas mentais. Nosso receio de reações de raiva, o mito de que a ajuda é necessária apenas quando requisitada, e a nossa sensação de que não temos o direito de dizer nada, porque nós mesmos somos uma grande bagunça – tudo isso contribui para relacionamentos superficiais, mas seguros, em vez de relações nas quais o

amor age.

Não se cale por raiva

Quando alguém peca contra nós, o medo é menos perigoso do que a raiva, quando se trata de confrontar o pecador. Observe o que diz o Antigo Testamento: “Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado” (Lv 19.17). Quando estamos nervosos, podemos ser excelentes para falar com outras pessoas sobre o erro de alguém, mas terríveis para falar com o pecador em si. Enquanto isso, apenas um pouquinho de humildade nos lembraria que, ao julgar orgulhosamente, competimos com o pecado ao qual nos opomos. Se ficamos paralisados pela raiva, nós é que estamos necessitados e, então, pedimos ajuda.

Obtenha ajuda

Se temos dúvidas sobre como proceder, solicitamos ajuda. Somos parte de um corpo maior, não terapeutas particulares, e, muitas vezes, pediremos ao restante do corpo que nos ajude a ajudar os outros. E, mesmo quando pedimos ajuda, procedemos com cuidado. As confidências são importantes para nós e queremos falar bem das pessoas, por isso podemos perguntar de forma anônima.

“Creio que eu deveria falar com alguém sobre algo que testemunhei. Você poderia me ajudar a saber o que dizer ou mesmo se eu deveria ou não dizer algo?”

Um pastor seria uma pessoa ideal para perguntar.

Apenas os fatos

Nossa tarefa é segurar um espelho para que as outras pessoas enxerguem mais a si mesmas do que nos enxergam. Nós falamos daquilo que realmente vimos; evitamos interpretações e normalmente nos abstermos de dizer como as ações nos feriram ou decepcionaram – isso pode esperar até outro momento.

“Outro dia a vi andando na rua com o Ricardo [não o marido dela]. Está tudo bem? Devo me preocupar?”

“Na reunião da igreja, você parecia bastante irritado. Eu percebi que todos ficaram em silêncio depois que você falou, como se tivessem medo de dizer qualquer coisa. Podemos conversar sobre isso?”

“Você parecia nervosa esta manhã. Quando perguntei sobre sua agenda para hoje, você disse que a minha pergunta era estúpida. Algo está errado?”

“Eu estava pensando sobre a nossa conversa no outro dia. Quando falou sobre a Jackie, você pareceu magoada com ela. Podemos conversar sobre isso?”

“Quando estávamos conversando sobre seu casamento, tudo era sobre ela – tudo era culpa dela – e nada era sua culpa. Sei que as coisas são complicadas, mas não é nosso objetivo enxergar as nossas próprias falhas muito antes de ver as do nosso cônjuge?”

Sim, qualquer um desses comentários não seria fácil para a maioria de nós. Mas somos compelidos pelo amor. Como é que gostaríamos de ser abordados por alguém que tem conhecimento do nosso pecado público?

Esteja preparado para possíveis reações negativas

As coisas nem sempre vão bem. A pessoa que abordarmos pode ficar brava conosco, o que significa que provavelmente identificamos algo importante. Geralmente, a raiva é uma autoacusação. Ou a pessoa pode ficar triste, porque nós fomos grosseiros, hipócritas, ou estamos julgando, caso em que ficamos tristes, pedimos perdão e crescemos em sabedoria.

E se o outro não aceitar as nossas palavras e se recusar a ouvir? Talvez nós esperemos, talvez nós persistamos, porque o assunto é muito importante, talvez obtenhamos conselhos de um amigo sábio, ou talvez chamemos uma terceira pessoa que também tenha testemunhado o comportamento pecaminoso e vamos juntos (cf. Mt 18.15-16). O amor é o que nos orienta. O medo ou a ira nos cegarão, mas o amor e cuidado pelos demais são os sentimentos que nos guiam.

Quando alguém revela e confessa um pecado

Quando alguém revela um pecado, a nossa ajuda assume uma forma diferente, porque o Espírito já está trabalhando: o pecador tornou a sua batalha pública. A etapa do privado ao público é a maior e a mais difícil. Todo o resto é fácil, em comparação.

Assim, quando alguém revela um pecado, em primeiro lugar, enxergamos o bem. A confissão voluntária é uma evidência do poder espiritual e merece a nossa admiração.

“Muito obrigado por confessar isso. Eu sei que há mais a ser feito, mas ninguém pode dizer o que você disse estando longe ou separado do Espírito Santo. Essa é uma evidência verdadeira de que Deus o está segurando e não o deixará.”

Não basta solidarizar-se

A partir daí, um erro comum é ou revelar seu próprio pecado equivalente ou simpatizar de alguma forma.

“Eu também tenho lutado contra o vício da pornografia.”

“Ela me deixa maluco também.”

Embora nosso objetivo seja fazer com que aquela pessoa se sinta menos sozinha ou envergonhada por sua confissão, essa solidariedade não ajuda. Ela leva a conversa para longe do que é mais importante. Em vez disso, mantemos o foco no tema em questão. Queremos selar uma parceria em uma batalha escancarada contra o pecado. O Espírito começou algo e nós devemos trabalhar em sintonia com o que ele está fazendo.

“O que posso fazer para ajudar?”

“O que nós podemos fazer para lutar?”

“Vamos desenvolver um plano.”

“Vamos convidar algumas outras pessoas que podem ajudar.”

Para manter o rumo, ofereça parceria, humildade e paciência, mas não

solidariedade.

Atinja o coração

Nós achamos que o pecado é um assunto do coração, o que significaria sermos parte de um processo de redirecionar a bússola da pessoa em direção a Jesus. O pecado é contra o Senhor. É pessoal e relacional. Deus chama-nos de amigos, e, quando pecamos, abandonamos temporariamente a nossa ligação com ele. Preferimos cuidar de nossas vidas do nosso próprio jeito; amamos os nossos desejos mais do que amamos a Cristo. Nesses momentos, precisamos ser lembrados de quem Deus é e do que ele tem feito, de quem somos e de como vivemos à luz da Palavra de Deus.

Deus fez o seguinte: ele se aproximou de nós, nos amando primeiro. Nós apenas respondemos a esse ímpeto de amor – esse é sempre o caminho da mudança. Nós chamamos isso de “graça”. E não significa que somos passivos, mas sim que nossa vida está sempre receptiva ao mover de Deus para conosco.

Essa estratégia teve início com os Dez Mandamentos. As palavras de abertura são: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Ex 20.2). Deus identifica quem ele é – o Deus misericordioso que age primeiro.

Em seguida, ele identifica quem nós somos – um povo que havia sido escravizado, mas agora libertado, perdoado e trazido para a casa de Deus.

Então, ele nos ensina como moldar nossas vidas de acordo com o padrão do nosso Libertador.

O apóstolo Paulo segue esse mesmo padrão. Quando você notar um “portanto” em suas cartas, isso normalmente significa que acaba de nos dizer sobre quem Jesus é e o que ele tem feito e agora vai nos mostrar como viver para ele. O mais importante é começarmos com Deus.

Enfim, o que tem realmente acontecido no coração da pessoa? Aqui estão algumas dicas:

“Deus não pode me ver quando eu me afasto dele.”

“Eu tenho mais liberdade quando eu volto ao ‘Egito’.”

“Eu apenas sou humano. Todos nós pecamos. Não é traição, adultério espiritual, desprezo ou desonra a Deus.”

“Eu preciso ser uma pessoa melhor agora para voltar às boas graças de Deus.”

“Deus está muito triste e chateado, em vez de compassivo e misericordioso.”

“Eu não tinha pensado que fui comprado por alto preço e que agora não sou mais de mim mesmo” (cp. 1Co 6.19-20).

Cada uma dessas crenças é oportunidade para a confissão e afirmação da verdade. Se sentimos que não teremos força para combater as mentiras com a verdade, obtemos ajuda daqueles que podem auxiliar-nos e aprendemos juntos.

Através de tudo isso, mantemos Jesus Cristo em vista. Aqui estão apenas algumas maneiras de fazer isso:

- Leiam e dialoguem sobre sua passagem favorita de Mateus, Marcos, Lucas ou João, ou leiam um livro do Novo Testamento juntos.
- Peça que seu amigo leia sua passagem favorita sobre Jesus.

- Fale sobre as coisas de maior importância – a morte e ressurreição de Jesus – e considerem como isso molda a maneira como vivemos.

Como estão envolvidos em uma aventura conjunta, todo mundo fala. Se sente empacado? Orem juntos e ampliem o círculo dos que possam ajudar.

Desenvolva um plano

O conhecer a Cristo e a nossa renovada fidelidade a ele geram ações concretas. Compartilhamos os nossos sites da Internet uns com os outros, confessamos àqueles contra quem pecamos, fazemos as pazes onde for necessário, nos afastamos de brigas verbais, em vez de alimentá-las. Há algo sobre o amor de Deus que faz de nós muito criativos em dar pequenos, mas sólidos passos.

Não ficamos apenas em compromissos vagos do tipo “Ah, vou tentar um pouco mais” e em vez disso elaboramos planos claros de como guerrear contra Satanás e o pecado, e de como amar aos outros profundamente, de todo nosso coração.

Existe uma pitada de desespero? Quando a esperança desvanece, Satanás vai com tudo. É hora de buscar ajuda.

Se você está se sentindo sobrecarregado, de cabeça cheia, consiga ajuda. Por que assumir os fardos de alguém sozinho quando há uma comunidade maior e mais bem equipada para suportar a carga?

Reconheça a confusa natureza de crescimento e mudança

À medida que caminhamos juntos, podemos observar de perto o poder do Espírito. O que poderia ser melhor? Porém, no começo, pode ser difícil enxergar o processo.

O crescimento espiritual segue o padrão que vemos ao nosso redor. Ele é quase imperceptível no dia a dia. O bebê engordou apenas 50 ou 100 gramas, o que é muito pouco para ser visto a olho nu. A flor plantada ontem parece estar igual hoje. E se o bebê ficar doente ou a flor não receber água suficiente? Por um momento, eles podem parecer que estão indo na direção errada. Mas, semana a semana, geralmente é possível ver alguma coisa – uma covinha no queixo aparecendo, uma protuberância em um caule que se tornará outra flor.

Nos seres humanos, esse processo espiritual é chamado de “santificação progressiva”, que significa que o crescimento e as mudanças estão acontecendo (cf. Fp 1.6), mas nem sempre com a rapidez com que gostaríamos.

Então mantemos nossos olhos bem abertos. Se a pessoa tem o Espírito, veremos o crescimento, embora seja uma batalha espiritual.

João se entregou ao álcool durante uma década e só resolveu ir para reabilitação e a algumas reuniões do AA quando sua esposa parou com as ameaças e estava realmente arrumando as malas para partir. Em meio a todo esse tumulto, ele se tornou um seguidor de Jesus. Mas estava confuso. Nada mágico aconteceu. João acordou no dia seguinte com os mesmos desejos e tentações. Perguntou-se, então, “Para onde foi o poder de Deus?”.

Um sábio casal de amigos percebeu seu desespero. Em resposta, eles foram capazes de destacar o poder espiritual na vida dele. Desde que João mudou suas lealdades espirituais, ele vinha clamando em oração, e estava fazendo isso todos os dias.

Em outras palavras, ele estava necessitado, o que é uma etapa gloriosa de ser mais plenamente humano, como Deus planejou. Pedir “ajuda” ao Senhor é poderoso. A luta em si é uma evidência desse poder, que mostra que João foi munido para lutar e não é mais um mero escravo.

Muitas vezes, poder espiritual e crescimento passam a sensação de fraqueza, como se quase não fôssemos capazes de enfrentar o dia.

Seja um exemplo em dizer “obrigado” a Deus

Como uma proteção contra o desânimo e o desespero, e como uma maneira de afirmar a nossa dependência do Senhor, nós guiamos aquele que está confessando o pecado a dizer “obrigado”.

Dizer “obrigado” significa reconhecer que vivemos porque Deus graciosamente perdoa nossos pecados de uma vez por todas em Jesus. Somos perdoados, não porque estamos tão arrependidos e perdoáveis, mas porque o nome de Deus é honrado quando ele nos perdoa.

Dizer “obrigado” significa que somos pessoas necessitadas e, no perdão dos pecados e do poder do Espírito, nós temos tudo que precisamos.

Dizer “obrigado” significa que não há um longo caminho de volta a Deus depois que percebemos nossos erros e nos convertemos dos nossos pecados. Realmente não há. Não importa onde estamos, basta virar-nos e nosso Deus está logo ali.

Tratamos de três ocasiões nas quais tentaremos ajudar as pessoas a falar sobre pecado:

- Quando alguém está enfrentando tentações.
- Quando vemos o pecado.
- Quando alguém revela e confessa um pecado.

Não será fácil ajudar nessas ocasiões, mas é ajuda que todos nós podemos dar.



Discussão e resposta

1)Este foi um capítulo comprido. O que se destaca?

2)Você acredita que pode fazer as coisas que tratamos neste capítulo? Se assim f

Nós somos necessários

Lembrem-se: nós temos o Espírito Aproximem-se e cumprimentem uns aos outros

Mantenham a história em vista

Mantenham a história em vista

Ajudar pode ser bastante difícil. Problemas são complexos. Relacionamentos avançam aos trancos e barrancos. Tentamos evitar soar banais e certamente não queremos dizer algo errado. É fácil se perder no curso de ajudar uns aos outros.

No livro *The Silver Chair*, de C.S. Lewis, Jill é enviada em uma tarefa empolgante e perigosa: “Busque este príncipe perdido até que o tenha encontrado e trazido de volta para a casa de seu pai, ou então que tenha morrido na tentativa, ou então voltado para o seu próprio mundo.”⁹ Em seguida, ela recebe quatro sinais que a orientarão em sua jornada. Sem eles, Jill estará perdida, e, por isso, é instruída a repeti-los várias e várias vezes para si mesma durante a sua viagem.

Precisamos fazer algo semelhante em nossa jornada. Esse é o segredo para continuar focado, tanto o ajudador quanto quem está sendo ajudado: lembrar-se da história.

A principal história da Bíblia

Você provavelmente tem um amigo ou um membro da família que conta a mesma história dezenas de vezes, mas, por algum motivo, você sempre continua interessado em ouvi-la. Histórias que possuem esse tipo de persistência não são apenas divertidas, mas são também instrutivas. São sobre o passado, mas afetam o presente e podem até apontar o caminho para o futuro.

Queremos fazer o mesmo com as Escrituras. Queremos ser capazes de contar e

recontar a história e deixar que ela nos molde. Isso nos ajudará a lembrar dela e rapidamente voltar a ela quando os problemas da vida surgirem em nosso caminho.

O apóstolo Paulo sempre manteve essa história principal em vista. Sua mente não era composta por uma variedade de fortes provérbios e conselhos, mas foi organizada em torno de Jesus Cristo e das mudanças espirituais provocadas por sua vida, crucificação e ressurreição.

Ele contou a história principal de maneiras diferentes, e queria que fizéssemos o mesmo – quando você conhece bem uma história, um roteiro não se faz necessário, e sempre existe como adicionar um toque especial aqui e ali.

Efésios 1.3-14 traz uma forma particularmente rica de contá-la, e o entusiasmo de Paulo é tal que a passagem original é uma longa frase sem pausas. Seu pensamento flui do passado, ao presente e ao futuro.

Leia esse salmo de louvor como um meio de orientar-se para a nossa realidade espiritual. Pelo menos use-o como uma história base para organizar e construir suas conversas.

Este é o seu passado

Nosso passado é uma confusão de coisas boas e coisas horríveis. O modo como o relatamos aos vinte anos é diferente de como o contaremos aos sessenta. Paulo presume que todos temos nossas histórias particulares; ele está contando uma mais profunda, da qual todos nós fazemos parte.

Ele nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo (...) (v. 4-5).

E o que essa história de ser escolhido e predestinado para a adoção tem a ver com um passado de vitimização, rejeição ou perda? Ela certamente não o minimiza. Se fizer qualquer coisa, será mostrar ainda mais vividamente o erro, porque foi contra Deus e contra sua intenção original. O que a história faz é contrabalançar o nosso passado com uma história de amor, graça e pertencimento que diz: “O mal e a desgraça não vencerão” e “As coisas não são o que parecem”. Toda a releitura da história, ao reunir mais detalhes sobre as bênçãos que temos em Jesus, acrescenta mais peso à história principal.

Essa é a realidade para aqueles que seguem a Cristo. É o que vemos quando colocamos os óculos da fé. Ele nos buscou e não nos abandonou. Nós fomos amados e adotados por ele. Isso significa que a vida em Jesus não é uma provação prolongada. Visto que o seu amor não depende de nossa vacilante fidelidade, mas repousa em escolhas que ele fez há muito tempo, descansamos nele e possuímos um propósito renovado, agora que estamos na família real.

Este é o seu presente

O amor persistente de Deus através das eras move-se para a redenção e o perdão dos pecados no presente. Tudo depende disso. Se ficamos em nosso pecado, então estamos separados de Deus. Apenas o surpreendente sacrifício de Cristo por nós pode trazer o santo Deus para tão perto que ele nunca partirá.

no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo (v. 7-9).

Por que se preocupar em recontar isso? O perdão dos pecados pode parecer um pouco remoto para as pessoas que creem que seus pecados não são lá um problema tão grande assim ou para as que acreditam que o perdão é bom demais para ser verdade. De qualquer forma, Jesus é marginalizado na vida diária, e a

gratidão depende dos acontecimentos do dia, em vez de depender das bênçãos imutáveis de Deus.

Essa parte da história canta quando nos lembramos de que somos, na verdade, pecadores que se afastam de Deus. Mesmo quando nos preocupamos com os outros, nunca conseguimos erradicar o egoísmo e, com muita frequência, a obediência é apenas uma feliz coincidência entre o que queremos fazer e o que Deus diz. Portanto, essa história mais profunda funciona melhor quando nutrimos o hábito de confessar os pecados – “(...) perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12).

Generosa graça. É isso que está no centro da nossa história presente.

Este é o seu futuro

Uma boa história acaba bem. Uma história que termina mal torna todo o restante sem sentido. Quem se importa com um bom trabalho hoje, quando a morte acabará por corroer tudo o que veio dele?

A esperança é essencial para a vida humana. Sem ela nós tentamos ficar ocupados o suficiente para nos distrairmos das sombrias realidades à frente. A história principal de Deus, certamente, é a história da esperança.

[o beneplácito que propusera em Cristo] de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; (...) tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória (cf. Ef 1.9-14).

A parte sobre “todas as coisas, tanto as do céu como as da terra”? Os planos de Deus são para nos restaurar – e a criação em si. Todas as coisas erradas estão agora sendo recolhidas sob o comando do Rei Jesus. Tudo será corrigido. Algo

está acontecendo. Não só conhecemos pessoalmente o perdão dos pecados; nós também fazemos parte dos planos de Deus para restaurar a justiça, a beleza, a reconciliação e a misericórdia. Quando nos achegamos a Jesus, a vida de repente se enche de propósito.

Existem maneiras pelas quais participamos de tais propósitos, mesmo agora. Fomos incluídos no plano divino de regeneração e, simples atos de amor, que ecoam a justiça, a beleza, a reconciliação e a misericórdia de Deus, estão agora incorporados aos projetos do seu reino. Tudo o que foi feito por causa de Jesus contribui para esses objetivos finais. A morte não os diminui.

Essa esperança nos fortalece nos sofrimentos e fadigas da vida cotidiana. Se soubermos para onde todas as coisas no céu e na terra vão, podemos esperar e perseverar (1Ts 1.2), e essa resistência ou perseverança é imprescindível para uma vida bem vivida. Sem isso, só nos restam a murmuração, os vícios ou o desespero. Com isso, olhamos adiante e contamos uma história diferente da que a atual angústia tenta contar. Enquanto o sofrimento crônico assume que nada vai mudar, a esperança sabe que o nosso Salvador está comprometido com o nosso bem. Ela conhece o amor de Jesus e cresce na confiança de que todas as promessas que Deus faz já foram cumpridas em Cristo.

Como Paulo relata na história, a generosidade e a fidelidade do Senhor começaram antes de existir a contagem do tempo e durarão para sempre. Ele tem certeza disso. Nossa herança em Jesus está garantida, porque o próprio Espírito a guarda para nós.

Talvez comecemos a considerar novas questões e teremos conversas diferentes:

“Você já pensou sobre quando o céu virá à Terra? Como você acha que será?”

“Você já se perguntou como será estar sem pecado?”

E conversas assim são, na verdade, uma maneira de crescermos em Cristo. Por exemplo, quando temos a esperança de ver Jesus face a face, e nós sabemos que

essa esperança é certa, nossas vidas se organizam em torno dessa reunião no céu. Quando aguardamos com expectativa a perfeição sem pecado, somos inspirados a crescer, desde agora, para nos transformarmos naquilo que seremos.

Como podemos fazer a história principal nova a cada releitura, quer a contemos toda ou apenas mencionemos um episódio? As crianças são naturais com histórias e querem ouvir as mesmas repetidamente, e ficam cativadas todas as vezes. Elas não estão apenas observando uma caça ao tesouro – elas estão na caça ao tesouro; estão rodopiando em frente a uma plateia extasiada; estão montando o cavalo que ninguém pensou que poderia ser domado. Elas são o nosso modelo de como manter em vista a história principal, o que novamente nos lembra que esta tarefa de ajudar uns aos outros é para todas as pessoas comuns.

Discussão e resposta

1) Como você recontaria a história principal? Você tem uma parte favorita?

2) Como recontar a história muda a sua vida cotidiana?

C

onclusão

Uma comunidade funciona melhor lado a lado

Sentado do outro lado da mesa, um homem estava conversando com seu amigo sobre assuntos importantes – a recente confissão de pornografia diária, um casamento difícil, problemas financeiros. Ao atravessarem todos esses temas complicados, o homem sentiu que algo estava errado. Ele não gostou da maneira como ele e seu amigo estavam sentados. Então se levantou e moveu a cadeira para que ficasse ao lado, ao invés de do outro lado da mesa, e tudo mudou. As informações tornaram-se muito mais pessoais, lágrimas escorriam, a oração era natural. Estar lado a lado é mais adequado para ajudar. Nós cutucamos a pessoa com carinho; damos as mãos; colocamos a mão em um ombro; passamos o braço ao redor daquele chegado a nós.

Observamos esse mesmo posicionamento na vida de Jesus na Terra. Ele foi o professor – quanto a isso, não há dúvidas –, mas ele é Emanuel, Deus conosco, então estava sempre comendo uma refeição com as pessoas, sentados lado a lado. Esta foi a sua maneira de dizer aos convidados: “Vocês são o meu povo. Eu me identifico com vocês; vocês podem se identificar comigo”.

Vocês são necessitados e vocês são necessários

Imaginem uma mesa de jantar. É um grupo grande. Ou, melhor ainda, imaginem uma comunidade – uma igreja – colocando-se lado a lado conosco enquanto conhecemos e ajudamos aos outros. Nós começamos tudo isso, contando como precisamos da ajuda de outros quando temos problemas. Essa necessidade agora

se estende a como precisamos de uma ajuda de outro quando estamos ajudando. Uma vez que não possuímos todos os dons, habilidades e experiências humanas em nós mesmos, geralmente precisamos de coajudantes.

Uma jovem confia a você que está cortando a si mesma como uma maneira de lidar com a vida. Mesmo que ela esteja fazendo isso há mais de um ano, você não conhece os perigos com certeza, então avise-a que vocês duas ampliarão o número de pessoas que sabem do fato. A mãe será a primeira, e vocês escolherão mais gente a partir daí – talvez o líder de seu pequeno grupo, o pastor, um médico, e alguém familiarizado com esse tipo de cortes. Quando existe possível perigo físico, os ajudantes sempre buscam ajuda.

Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada (...) (Rm 12.4-6).

Problemas são complexos. Até mesmo questões relativamente simples, tais como a disciplina infantil, pode ser complexa. Como conselheiro, estou sempre recebendo a ajuda de outros pastores e conselheiros; e ajudar alguém no contexto de um grupo, em que todos nós vamos orar e ajudar àquele em necessidade, é o ideal.

A plataforma básica para a ajuda que acabamos de revisar é boa e útil em todas as dificuldades. Na verdade, ela é necessária para todos nós, em nossos sofrimentos e pecados. É necessária, mas, em muitas situações, ajudamos como parte de uma comunidade maior.

A humildade e a paciência – elas nos servirão bem ao servirmos os outros. Elas removem o medo de ajudar ao lembrarmos que “o corpo não é um só membro, mas muitos” (1Co 12.14). “(...) pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (Rm 12.3).

E todos esses dons existem para que possamos servir uns aos outros em amor.

N

otas

1. Lucas 6.43-45 reflete todas essas analogias.
2. A Escritura coloca diferentes questões do coração. Todas elas dizem respeito às nossas alianças divinas. A quem você ama? (Dt 6.5; 1Jo 2.15); em quem você confia? (Jr 17.5-8); a quem (ou ao que) você adora? (2Rs 17.36); a quem você vai servir? (Mt 6.24); a quem você obedece? (1Jo 3.10); você vive para a glória de quem? (Rm 1.21-23); onde está o seu tesouro – no mundo ou em Cristo? (Mt 6.21); a quem você pertence? (Jo 8.44). Podemos adicionar outras perguntas a estas. O que você deseja? Do que você sente que precisa? Onde você encontra refúgio, conforto, prazer ou segurança? Quem são seus heróis e exemplos? O que define o sucesso ou o fracasso para você? Quando você diz, “Se apenas...?” (Por exemplo, “Se apenas meu marido fosse...”) O que você enxerga como seus direitos? Onde em sua vida você tem lutado com amargura? O que ou a quem você evita? Você se sente culpado às vezes?
3. R. Weiss and S Mirin, Cocaine (Washington, DC: American Psychiatric Association, 1987), 55.
4. Eugene Heimler, Concentration Camp (Nova York: Pyramid, 1959), 31-32.
5. C. S. Lewis, The Horse and His Boy (Nova York: Harper Trophy, 1954), 174.

6. Salmos similares incluem 23; 40; 42; 46; 51; 62; 63; 73; 77; 84; 116; 121; 131.

7. Deus é o anfitrião que nos convida ao banquete (Is 55.1-3). Ele é o Pai que nos conhece pelo nome (Is 45.3). Ele é o rei que nos chama de amigos e diz que devemos chamá-lo por seus nomes muito pessoais. Entre os piores pecados está traição que diz: “Eu não conheço esse homem” (Mt 26.74). Entre as grandes bênçãos está conhecer e ser conhecido.

8. Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (San Francisco: Harper & Row, 1954), 112.

9. C. S. Lewis, *The Silver Chair* (Nova York: Harper Trophy, 1953), 23.